



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**Ana Elizabeth Araujo Luna**

**“SER” AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE  
ASSENTADOS DO MST**

**Campina Grande-PB**

**Dezembro de 2011**

**Ana Elizabeth Araujo Luna**

**“SER” AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE  
ASSENTADOS DO MST**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura e Formação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, tendo por orientadora a Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Thelma Maria Grisi Velôso, docente do departamento de Psicologia.

**Campina Grande – PB**

**Dezembro de 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L961s LUNA, Ana Elizabeth Araujo.  
“Ser” agricultor [manuscrito]: identidades em depoimentos orais de assentados do MST / Ana Elizabeth Araujo Luna. – 2011.  
76 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Thelma Maria Grisi Velôso, Departamento de Psicologia”.

1. Identidade. 2. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. 3. Psicologia. I. Título.

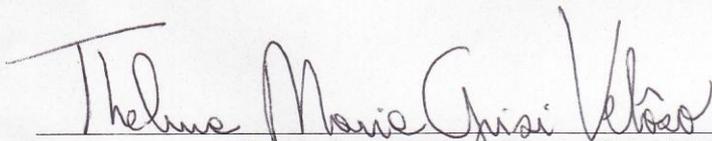
21. ed. CDD 155.2

Ana Elizabeth Araujo Luna

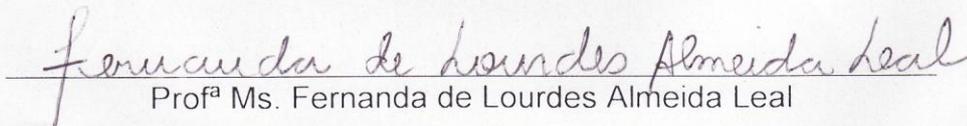
“SER” AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE  
ASSENTADOS DO MST

APROVADA EM: 01/12/2011

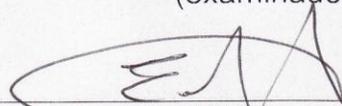
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Maria Grisi Veloso  
Universidade Estadual da Paraíba  
(orientadora)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Fernanda de Lourdes Almeida Leal  
Universidade Federal de Campina Grande  
(examinadora)



Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba  
(examinador)

À

*Todos os agricultores que lutam, até a morte, pela sua  
terra e por dias melhores no campo.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço, primeiramente, a Deus pela Sua grandeza e amor pela criação.*

*Ao meu pai que, em sua vida simples de agricultor, me ensinou sobre humildade e honestidade...*

*À minha mãe que me ensinou a ser forte em qualquer circunstância, assim como os cactos do sertão...*

*Ao meu irmão Luiz Américo, meu exemplo de serenidade e perdão...*

*À Daniel, meu companheiro, que sempre está ao meu lado proporcionando momentos de felicidade...*

*À Thelma Maria Grisi Velôso pela amizade, pelos momentos alegres compartilhados e pela paciência em me orientar neste trabalho...*

*Aos participantes da banca examinadora, Edil Ferreira da Silva e Fernanda de Lourdes Almeida Leal, pela disponibilidade e contribuições para este trabalho...*

*Aos moradores do assentamento Pequeno Richard, que me ensinaram sobre luta e esperança...*

*Aos amigos que fiz durante o curso, principalmente, Daysse, Natália e Mirela...*

*Aos amigos Marcílio, Cristianny, Jadsonlee, Patrícia, Cristóvão Mácio, Carol, Pauleska, Jacqueline, Morgana, Vanildo e Lidiane, que sempre torceram por mim e foram meus companheiros em vários momentos aqui em Campina Grande...*

*Aos amigos distantes, que nunca esqueço e sempre recordo com saudades...*

*A todos aqueles que, embora não tenham sido mencionados, fazem parte da minha história...*

*Quando eu morrer, que me enterrem na  
beira do chapadão  
contente com minha terra  
cansado de tanta guerra  
crescido de coração!*

*Zanza daqui,  
Zanza pra acolá  
Fim de feira, periferia afora  
A cidade não mora mais em mim  
Francisco, Serafim,  
Vamos embora!*

*Ver o capim,  
Ver o baobá,  
Vamos ver a campina quando flora.  
A piracema, rios contravim  
Binho, Bel, Bia, Quim,  
Vamos embora!*

*Quando eu morrer  
Cansado de guerra,  
Morro de bem  
Com a minha terra!  
Cana, caqui,  
Inhame, abóbora  
Onde só vento se semeava outrora  
Amplidão, nação, sertão sem fim  
Ó Manuel, Miguilim, Vamos embora!  
**(Assentamento, Chico Buarque)***

## RESUMO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) resulta de um longo processo de lutas entre trabalhadores e latifundiários. Por isso, implica numa identidade sócio-histórica construída a partir das lutas camponesas. Levando em consideração a inserção das pessoas no MST em prol da luta pela terra, este trabalho surgiu na tentativa de compreender o que é ser agricultor para eles. Para tanto, objetiva-se analisar as posições identitárias de moradores do assentamento “Pequeno Richard” (Catolé de Boa Vista-PB), construídas em depoimentos orais sobre o que é ser agricultor. Objetiva-se também, analisar as posições identitárias construídas a partir dos relatos sobre o que é a terra, o que é o trabalho na terra e o que motivou a luta pela terra. A identidade é concebida como resultante da dialética que se constrói nas relações entre o sujeito e o contexto social, e, assim, o sujeito se transforma juntamente com as transformações que realiza na sociedade. Como recursos metodológicos foram utilizados a Observação Participante e a História Oral. Foram obtidos 20 (vinte) depoimentos orais – 10 (dez) do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino, com idade variando entre 23 e 82 anos –, analisados a partir do método hermenêutico-dialético. De um modo geral, os assentados constroem posições identitárias que estão diretamente relacionadas ao trabalho na terra. Um trabalho que dá prazer e que garante a subsistência da família. A luta pela terra foi motivada pelo desejo de ter terra para trabalhar, e, assim, garantir uma vida digna no campo. Quanto ao que é “ser sem terra”, os assentados não apresentam uma visão desse termo vinculada ao sentido político dado pelo Movimento, relacionando-o à situação concreta de não possuir terra e à marginalização social. No tocante ao que é o MST, os assentados não demonstraram uma identificação com o Movimento, parecem não se sentirem inseridos nele. Muitos não concordam com as intervenções do Movimento no assentamento e, para outros ainda, o Movimento é um desconhecido. As posições identitárias construídas nos relatos apontam para a ideia de que o trabalho na terra é um ofício, a terra é tudo, e garante liberdade, autonomia e qualidade de vida.

Palavras-chave: Identidade; agricultor; assentados; MST.

## ABSTRACT

The Landless Workers Movement (LWM) results from a long process of struggle between workers and landowners. Therefore implies a socio-historical identity built from the peasant struggles. Considering the integration of those who are in favor of the LWM struggle for land, this work came in trying to understand what means for them to be an agriculturist. In order to achieve the objective of this study, it will be considered primarily the positions of residents of the settlement identity "Little Richard" (Catolé, Boa Vista-PB), which were built on oral testimonies about what means to be an agriculturist. Our objective is also to analyze the identity positions constructed from the reports of what means land, what means the work on land and what motivated the struggle for land. Identity is conceived as a result of the dialectic that builds relationships between subjects and social context, and thus becomes the subject along with the changes that place in society. As methodological resources have been used participant observation and oral history. We obtained twenty (20) oral testimony - 10 (ten) male and 10 (ten) female, aged between 23 and 82 years - analyzed from the hermeneutic-dialectic method. In general, the settlers build identity positions that are directly related to the work on land which is a job that gives pleasure and ensures the livelihood of the family. The struggle for land was motivated by the desire to possess land to work, and thus ensure a dignified life in the field. As for what means "to be landless," the settlers do not have a vision linked to the sense of that term given by political movement, as related to the concrete situation of not having land and social marginalization. With regard to what is the LWM, the settlers did not show identification with the movement; do not seem to feel included in it. Many do not agree with the operations of the settlement movement, and for others, the Movement is an unknown one. The position of identity in the reports point to the idea that the work on land is a job, the land is everything, and ensures freedom, autonomy and quality of life.

Keywords: Identity, agriculturist, seated; LWM.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>08</b>
<b>PRIMEIRAS PALAVRAS.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I. Identidades: o mundo rural e a vida do camponês.....</b>	<b>17</b>
1.1 Identidades.....	17
1.2 O camponês e a terra: “velhas” identidades e novas ruralidades.....	20
1.3 Identidade do MST e identidade sem terra.....	24
<b>CAPÍTULO II. Sobre a pesquisa e o universo pesquisado.....</b>	<b>27</b>
2.1 Universo da pesquisa: o assentamento Pequeno Richard.....	27
2.2 Instrumentos da pesquisa.....	28
2.2.1 História Oral e depoimentos orais.....	28
2.2.2 Observação participante e diário de campo.....	30
2.3 Análise dos dados na hermenêutica dialética.....	30
2.4 Devolução da pesquisa: contribuições do Teatro do Oprimido.....	31
<b>CAPÍTULO III. “Ser” agricultor, trabalho e terra: as identidades dos assentados do Pequeno Richard.....</b>	<b>33</b>
3.1 Pesquisadora e agricultores: um encontro de identidades que se opõe e se enlaçam.....	33
3.2 “Ser” agricultor: uma identidade que se constrói no trabalho.....	34
3.2.1 Vida de agricultor não é fácil.....	36
3.2.2 O trabalho do agricultor mantém a vida nas cidades.....	37
3.2.3 A cooperação no trabalho do agricultor.....	38
3.2.4 Identidade de agricultor: uma identidade herdada.....	39

3.2.5 Ser agricultor é uma profissão.....	40
3.3 A terra é tudo.....	41
3.4 O que motivou a luta pela terra.....	42
3.4.1 Amor ao trabalho na terra.....	42
3.4.2 A agricultura como tradição familiar.....	44
3.4.3 Desejo de autonomia.....	45
3.4.4 A terra pra trabalhar: uma saída diante do sofrimento da vida na cidade.....	46
3.4.5 Falta de moradia.....	48
<b>CAPÍTULO IV. SEM TERRA E MST: DESENCONTROS ENTRE A REALIDADE CONCRETA E A IDEALIZAÇÃO POLÍTICA.....</b>	<b>50</b>
4.1 O MST: movimento de apoio, de impasse ou ainda invisível?.....	50
4.1.1 Órgão de apoio aos trabalhadores rurais.....	50
4.1.2 Conflito entre assentados e mediadores.....	53
4.1.3 MST: um desconhecido de muitos.....	56
4.2 Sem- Terra: uma identidade negada e reencontrada.....	57
4.2.1 Sem Terra: em nome de todos que não tem terra.....	58
4.2.2 Ser sem terra: o fracassado.....	59
4.2.3 Ser sem terra: uma identidade que pode ser bonita.....	62
<b>(IN) CONCLUSÕES.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>73</b>

## PRIMEIRAS PALAVRAS

A exclusão e exploração dos camponeses são intrínsecas à própria história do Brasil, pois, desde o período Colonial, a concentração de terra e dos meios de produção esteve sob a posse dos latifundiários, fato que resultou, e resulta, ao longo dos anos, em muitas revoltas e movimentos políticos organizados pelos trabalhadores rurais em prol da luta por terra (TARGINO, 2002).

Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge como um desdobramento de um longo processo de lutas entre trabalhadores e latifundiários e, como afirma Almeida (2008, p. 17), foi o “principal responsável pela emergência do sujeito ‘Sem Terra’ no cenário político nacional” (grifo do autor). A origem do MST se deu mediante a retomada de lutas por terra, principalmente na região Centro-Sul, na década de 70. O movimento almejava a ocupação de terras improdutivas que deveriam ser democratizadas pelo estado (CALDART, 2001; LACERDA; MALAGODI, 2007).

Nesse período, com a modernização da agricultura, muitos agricultores e posseiros foram expulsos das terras, então muitos deles se rebelaram na tentativa de permanecer na terra, resistindo à migração para a zona urbana e para outras regiões do país. Foram vários os fatores que favoreceram o surgimento do MST: o trabalho pastoral da CPT (Comissão Pastoral da Terra), a situação sócio-econômica, bem como a configuração política do país, visto que em 1979, muitos cidadãos lutavam pela democratização do Brasil (STÉDILE; FERNANDES, 2005).

O marco de fundação do MST, enquanto movimento nacional ocorreu em 1984, no I Encontro Nacional de Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Cascavel, no estado do Paraná. Segundo Schiochet (2008), participaram desse evento um grupo de militantes do MST da Paraíba, dentre eles Maria da Penha do Nascimento, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande e Luiz Silva, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monteiro.

A partir de discussões realizadas nesse encontro, concluiu-se que a ocupação era a estratégia mais adequada para que os trabalhadores conquistassem terra e se organizassem enquanto movimento, sendo, desde então, esse caráter organizativo e político o que faz do MST um movimento ímpar (SILVA; SOUSA, 2005).

Assim, com os trabalhadores rurais organizados em luta pela reforma agrária, foi possível pressionar o governo na Nova República e o governo de José Sarney

assume a “reforma agrária como compromisso social da nação para com os ‘excluídos’ do campo”. (BRUNO, 2003, p. 3, grifo do autor).

Em contrapartida, os grandes proprietários também se organizaram contra a política do governo e contra os movimentos sociais dos trabalhadores. Foram criadas várias organizações patronais rurais contra a invasão de terras, como a Associação dos Produtores Rurais do Sul do Pará; a Associação dos Empresários da Amazônia; a Associação de Defesa da Propriedade de Pernambuco; o Pacto de União e Resposta Rural (PUR), a Sociedade do Sudoeste do Paraná (SOCEPAR) e a Associação de Defesa da Propriedade do Sudoeste Catarinense (BRUNO, 2003).

Além dessas organizações, os grandes proprietários efetuaram muitas investidas violentas contra os trabalhadores rurais, sendo esta violência no campo um componente inerente à organização agrária do Brasil (MOREIRA; TARGINO, 1997; PEREIRA; SOUSA, 2008). De 1964 a 1992, foram registrados 1.730 assassinatos de pessoas vinculadas aos movimentos sociais rurais, sendo as vítimas, em sua maioria, trabalhadores, líderes de sindicatos, religiosos e assessores do movimento pela reforma agrária. Essas mortes continuam até hoje na impunidade.

A Paraíba foi um dos estados do Brasil sofreu essa violência, são exemplos o assassinato, até hoje impune, da presidente do STR de Alagoa Grande, Maria Alves em 1983, a ação dos paramilitares e a ação do grupo Várzea no estado. Segundo Schiochet (2008), esse grupo era composto por fazendeiros que agiram repressivamente contra os camponeses e sindicalistas por um longo período.

Devido a essa repressão muito forte, o processo de ação do MST no estado foi inicialmente lento, havendo de 1989 a 1992, apenas acampamentos que logo eram suprimidos. A primeira ocupação de terra do MST na Paraíba ocorreu em 1989, na Fazenda Sapucaia, localizada no município de Bananeiras, mas, devido à violenta ação paramilitar (a primeira sofrida pelo MST no país), o acampamento se desfez, houve fugas, agressões, torturas e até morte de uma criança.

Apesar dessa primeira investida violenta contra os trabalhadores rurais, o movimento continuou acampando em outros locais do estado, e até 1992, formaram-se oito acampamentos. No entanto, apenas em 1995 é obtida a primeira conquista de terra, o atual Assentamento Primeiro de Março que resultou de uma ocupação em 1992, no município de Pitimbu, litoral sul da Paraíba (SCHIOCHET, 2008).

Assim, apesar da violência no campo e da reforma agrária ainda não ter se

concretizado, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem resistido e, ao longo dos anos, tem conquistado inúmeros assentamentos rurais, sendo referência para o surgimento de novos movimentos sociais no campo. Segundo Ramos Filho (2008), há uma estimativa de que no ano de 2008 havia no Brasil mais de 350.000 famílias assentadas, territorializadas através da luta do MST.

A partir disso, fica evidente o que afirma o referido autor: “[...] os assentamentos têm sido a expressão concreta da territorialização da luta camponesa defendida pelo MST como alternativa ao modelo hegemônico de agricultura e posse da terra” (SCHIOCHET, 2008, p. 4). Complementando esta afirmativa, Caldart (2001) acrescenta que é através da luta pela terra e pela postura do movimento (em apostar em outras formas de relações sociais e em outro projeto de desenvolvimento para o campo e para a nação) que o MST vem contribuindo para a política de reforma agrária brasileira.

Contudo, o MST tem se enfraquecido enquanto movimento, visto que, conforme Pereira e Sousa (2008), a reforma agrária deixou de ser prioridade nos últimos anos de globalização, havendo uma significativa diminuição no número de ocupações com o passar do tempo. No ano de 2004, houve 500 ocupações de terra, ao passo que em 2007 ocorreu apenas 364 ocupações em todo o país. Ao falar sobre a atuação da política nacional diante da questão agrária, Stédile e Fernandes (2005, p.159-160) afirmam que:

O que existe no Brasil atualmente é uma política de assentamentos sociais, em que o governo federal e às vezes até os governos estaduais, premidos pelos movimentos sociais, e para evitar que os conflitos de terra se transformem em conflitos políticos, resolvem conseguir algumas áreas [...]. Essa é uma política de assistência social, apenas para se livrar do problema dos sem-terra e não para resolver o problema da concentração da propriedade de terra no Brasil.

Outro fato que também evidencia o enfraquecimento da reforma agrária e a fragilidade do MST são os resultados de alguns estudos recentes que apontam para a crise dos movimentos sociais com o advento do modelo capitalista neoliberalista nos últimos vinte anos. Nesse modelo, a garantia dos direitos da cidadania é transferida do Estado para a sociedade civil, passando a ser responsabilidade moral desta, e não das políticas públicas, resolverem os problemas sociais. Deste modo os grupos sociais isolados atuam de forma fragmentada e individualizada em busca de seus interesses (JEZINE, 2006). Fala-se, então, na crise dos movimentos sociais

sobre a qual Zibeth (2005, p.200) diz que:

A desterritorialização produtiva (trazida pelas ditaduras e pelas contrarreformas neoliberais) fez com que os velhos movimentos entrassem em crise, fragilizando sujeitos que viram as territorialidades nas quais haviam ganhado poder e sentido evaporar-se diante de seus olhos.

Há ainda a afirmativa de que a reforma agrária está enfraquecendo devido às políticas assistencialistas do governo atual, como o Programa Bolsa-Família, que, ao atuar na periferia, impede a iniciativa da população pela busca de terras, diminuindo, conseqüentemente, as ocupações (ARRUDA, 2008 apud PEREIRA; SOUSA, 2008).

No caso específico do estado da Paraíba, o número de assentamentos conquistados anualmente diminuiu nos últimos cinco anos e atualmente são 300 assentamentos acompanhados pelo movimento, distribuídos em uma área de 270.000 ha de terra<sup>1</sup>. Apesar desses indícios de fragilidade e dos desafios atuais, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra persiste e muitas famílias continuam conquistando o seu pedaço de terra.

Além da luta pela reforma agrária, vale salientar que o MST reivindica, sobretudo, a luta política em prol da transformação da sociedade. Por esse motivo, para Caldart (2001, p. 211), “ser sem terra” significa “mais do que uma categoria social de trabalhadores que não têm terra; é um nome que revela uma *identidade* [...] e que tem a ver com uma memória histórica e uma cultura de luta e de contestação social” (grifo do autor).

Considerando essa história de luta do MST, bem como a identidade social do sem terra, dentre muitos outros questionamentos possíveis, me veio a seguinte inquietação: se as pessoas que lutam por terra junto ao MST vão morar no campo, o que elas pensam sobre o que é ser agricultor? Penso que essa é uma questão importante, uma vez que a identificação ou não dos assentados em relação ao que é ser agricultor é absolutamente crucial para se lutar por terra e viver no campo, sendo essa uma das minhas motivações para realizar esse trabalho.

Assim, julguei importante analisar as posições identitárias de moradores do assentamento “Pequeno Richard” (Catolé de Boa Vista-PB), construídas em depoimentos orais sobre o que é ser agricultor.

O interesse em pesquisar sobre essa temática é intrínseco à minha própria

---

<sup>1</sup> Informação verbal emitida pela coordenação geral do MST/PB em 2010.

identidade como filha de agricultores, o que me fez ser sempre fascinada pelo mundo rural e estimulou o meu desejo de manter aproximação com as minhas raízes, mediante a realização de atividades acadêmicas que abrangeram essa temática. Também foram fundamentais na minha escolha as experiências que tive como extensionista no projeto de extensão universitária (desenvolvido no referido assentamento) intitulado “Psicologia e educação popular no meio rural”, do qual participei por um período de 02 (dois) anos.

Esse projeto é vinculado ao departamento de Psicologia da UEPB e vem sendo desenvolvido, desde 2007, sob a coordenação da professora Thelma Maria Grisi Velôso e outros alunos do curso de Psicologia, tendo como princípios norteadores da prática a Psicologia Social Comunitária e a Educação Popular. Dentre outros objetivos, o projeto visa, sobretudo, fortalecer, incrementar e fomentar espaços de escuta, questionamento e problematização da realidade de assentados e militantes do MST, com o objetivo de estimular a autonomia popular e o desenvolvimento de formas de articulação e organização frente aos problemas cotidianos.

Cabe assinalar que desde 2006, sob a coordenação do professor Wilmar Gaião, havia um trabalho de extensão no assentamento José Antônio Eufrosino e no antigo acampamento Pequeno Richard, localizado nesse mesmo assentamento. No entanto, em 2007, o referido projeto foi redefinido e passou para a coordenação da professora Thelma Velôso, como já explicitado. Em 2009, houve outra mudança, o projeto passou a ser desenvolvido no acampamento Pequeno Richard, que se constituiu em Catolé de Boa Vista, época em que me tornei colaboradora do mesmo.

Essa prática extensionista, em Catolé de Boa Vista, se realiza, desde o seu início, quinzenalmente e se constitui em visitas, conversas informais e em oficinas de Teatro do Oprimido (TO). Ao longo do desenvolvimento do trabalho de extensão, foram emergindo os problemas que aquele acampamento, posteriormente, assentamento, enfrentava, tais como: desmobilização para discutir os problemas coletivos; desunião entre os assentados, e entre assentados e militantes do MST; falta de informação e receio para com o movimento; dificuldade em enfrentar a luta para permanecer na terra depois de assentados; falta de água; falta de energia elétrica; falta de assistência médica e renda insuficiente pela impossibilidade do trabalho agrário, visto que o desmatamento dos lotes ainda não foi autorizado pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

Levando em consideração esses problemas enfrentados pelo assentamento, considere relevante, além de analisar as posições identitárias dos assentados sobre o que é ser agricultor, compreender questões relacionadas ao que é a terra, o que é o trabalho na terra, o que é “ser sem terra” e o que é o MST para os assentados.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo diz respeito aos aportes teóricos (sobre identidade, sobre o camponês, sobre o MST e o sem terra) nos quais se fundamenta toda a discussão da pesquisa. Para tanto, foram utilizadas as contribuições de vários autores do campo das Ciências Sociais e Humanas a respeito do conceito e constituição da identidade no contexto sociocultural e sobre o MST. Também nos utilizamos dos aportes teóricos da Psicologia do Trabalho, da Ergonomia e das Ciências Sociais sobre o trabalho e a vida do agricultor.

O capítulo II diz respeito à metodologia e inclui: informações sobre o universo pesquisado; informações a respeito da coleta de dados através de depoimentos orais, da análise dos dados através da hermenêutica dialética e sobre a devolução da pesquisa aos assentados utilizando-se a estratégia metodológica do Teatro do Oprimido. Ressaltamos que, para a realização dessa pesquisa, além da técnica de depoimentos orais, foi feito o uso do diário de campo, através da observação participante.

Os capítulos III e IV apresentam as análises das identidades construídas a partir da discussão e análise dos depoimentos orais e das anotações do diário de campo. O capítulo III é intitulado “*‘Ser’ agricultor, trabalho e terra: as identidades dos assentados do Pequeno Richard*”, e diz respeito à análise e discussão da identidade a partir de questões como: o que é ser agricultor, o que é a terra, o que é o trabalho na terra e o que motivou a luta pela terra.

No capítulo IV, intitulado “*Sem terra e MST: desencontros entre a realidade concreta e a idealização política*”, está a análise e a discussão dos depoimentos orais dos assentados sobre o que é o MST e o que é “ser sem terra”.

Por último, estão as considerações finais, que consiste na síntese do que foi apreendido na pesquisa, de acordo com a interpretação do pesquisador mediante os aportes teóricos consultados. É importante ressaltar que o resultado final de uma pesquisa é provisório e apenas próximo da realidade, sendo esta muito mais complexa do que os conteúdos presentes na investigação (MINAYO, 1995).

## CAPÍTULO I

### IDENTIDADES: O MUNDO RURAL E A VIDA DO CAMPONÊS

#### 1. 1 Identidades

A importância atribuída aos estudos da identidade está vinculada à valorização dada à individualidade em cada período histórico, que, de acordo com Jacques (2007), começou a ocorrer no período do Iluminismo.

A ciência oferece muitas definições de identidade e, por isso, não há na literatura uma definição teórica única a respeito, mas sim um amplo arcabouço de discussões acerca dessa temática, pois, como afirma Hall (2006), o conceito de identidade é complexo e há várias formas de concebê-lo dentro das ciências sociais.

Nesse sentido, o referido autor aborda três tipos de concepção da identidade: o *sujeito do iluminismo*, o *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*. A primeira concepção de identidade diz respeito ao sujeito da época iluminista que era “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”, mantendo sua essência imutável ao longo da vida, sendo concebida de forma totalmente individualista. (HALL, 2006, p.10)

Quanto ao conceito de sujeito sociológico, este tem muita influência dos interacionistas simbólicos, que atribuem o processo de formação da identidade à interação do eu com o social e a cultura, ou seja, é como se a identidade fosse o ponto de intersecção entre o interior (o eu) e o exterior (o meio sócio-cultural). Já a terceira concepção de identidade, o sujeito pós-moderno, é exatamente o oposto da primeira concepção, pois o sujeito, que antes tinha uma identidade fixa, tornou-se dotado de múltiplas identidades que são fragilizadas, fragmentadas, provisórias e, por vezes, contraditórias.

A partir dessas concepções, é importante pontuar que houve transformações da identidade do sujeito ao longo do tempo, sobretudo, transformações na forma de conceber as identidades. Pode-se dizer, então, que a identidade da época iluminista está em declínio, pois “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p.12).

Mas por que ao longo do tempo ocorreu essa mudança? A mudança das

posições identitárias está relacionada ao processo de mudanças rápidas e constantes na estrutura das sociedades modernas globalizadas, que provocaram um colapso nos “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

Assim, diante da falta de referências, as relações sociais no “mundo líquido moderno”, tornaram-se frágeis, sendo possível viver inúmeras posições, inúmeras identidades, inclusive conflitantes entre si. Neste sentido Bauman (2005, p. 32) acrescenta que:

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento - lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

Em sua obra “Vida para consumo”, ao referir-se a essa fluidez da identidade, Bauman (2008) também afirma que, mediante a constante construção e desconstrução da identidade, existem dois escapes que aliviam o sofrimento do sujeito: a inserção nas chamadas “comunidades de guarda-casacos”, que são fantasmas temporários e sem regras e possibilitam ao sujeito se inserir e se dispersar quando quiser; e o consumo constante e inesgotável de objetos fornecidos pelo mercado que já vêm com um símbolo de identidade acoplado, favorecendo ao sujeito a compra e troca de identidades a cada vez que adquire ou descarta os produtos.

Essa relação entre a identidade e o consumismo, assim como entre a identidade e grupos flexíveis, está diretamente relacionada à globalização, pois, nesse contexto, as identidades globais têm se tornado mais importantes que as identidades nacionais. Nesse sentido, Hall (2006, p. 75-76) afirma:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilo, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas-desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (Grifo do autor).

Essa supervalorização da identidade globalizada em detrimento das identidades nacionais ocasiona um processo que o referido autor denomina

“homogeneização cultural”. Esse fenômeno diz respeito ao enfraquecimento da demarcação das diferenças e das distinções culturais que sempre foram tão importantes para a definição da identidade em detrimento da sistematização da identidade global. Nessa mesma perspectiva, Giddens (2002, p.36) ressalta que “pela primeira vez na história humana, ‘eu’ e ‘sociedade’ estão inter-relacionados num meio global” (grifos do autor).

A partir de tais pressupostos, pode-se afirmar que uma das causas da fragilização da identidade na pós-modernidade é a linha tênue das diferenças sócio-culturais perante o fortalecimento da identidade globalizada.

Autores como Woodward (2007); Silva (2007) e Hall (2007) expõem a demarcação da diferença como fundamental para que as posições identitárias sejam estabelecidas e mais estruturadas. Ainda neste sentido, Silva (2007), afirma que a construção da identidade implica estabelecer relações e jogos de poder, que são sutilmente estabelecidos, tanto na identidade quanto na diferença, a partir do processo de normalização, ou seja, através da atribuição de valores de acordo com as representações que se constrói. Por isso é que “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras”, e não negar as diferenças (SILVA, 2007, p. 82).

A esse respeito, para Veloso *et al.* (2009), tanto o sentimento de pertença quanto as diferenças e fragmentações das identidades, intrínsecas aos grupos sociais, podem ser compreendidas a partir dos contextos sócio-econômicos, que estão inter-relacionados aos discursos e às práticas discursivas. Sendo assim, para os referidos autores, as práticas discursivas têm um papel fundamental na construção da identidade uma vez que o mundo é habitado por múltiplos discursos que exigem escolhas. O próprio acesso ao mundo se dá através de construções discursivas, sendo essa relação entre o sujeito que usa a linguagem (e, também, é constituído por ela), o que constrói as identidades.

A identidade, num certo sentido, é constituída em redes discursivas, não sendo gerada simplesmente por meio dos discursos, das ações ou experiências do sujeito, mas também dos discursos sociais e institucionais que buscam fixar indivíduos e grupos, não sem resistência, em determinadas “posições-de-identidade” (VELÔSO *et al.*, 2009, p. 119, grifo dos autores).

Essa concepção de “posições identitárias”, construída a partir das possibilidades do sujeito mudar a si e ao mundo, como também de ser mudado

através dos discursos presentes no contexto social, permite a compreensão de que, nessa relação sujeito-sociedade, as identidades estão em movimento. Levando em consideração esse processo de movimento da identidade, Ciampa (1984; 2001) compreende que a constituição da identidade é um processo dinâmico, uma vez que o sujeito se transforma na medida em que também produz mudanças no mundo. Assim, a identidade é múltipla e mutável e é “pelo fazer e pelo agir que alguém se torna algo”.

A partir dessas contribuições teóricas, utilizamos, nesse trabalho, o termo *posições identitárias* na tentativa de compreender o movimento das identidades dos assentados ao longo da vida, sendo estas identidades criadas e recriadas no ato de transformar e serem transformadas pela sociedade através das práticas sociais.

É importante esclarecer ainda que consideraremos também, para o presente trabalho, as contribuições de Bauman (2005; 2008) e Hall (2006; 2007), na medida em que esses autores nos ajudam a compreender as mudanças sofridas na estrutura das sociedades modernas globalizadas que refletem diretamente na constituição das identidades.

## **1.2 O camponês e a terra: “velhas” identidades e novas ruralidades**

Segundo Donat (2006), a denominação “campesinato” é utilizada pelos autores quando se referem à luta dos agricultores, o que implica em situar o camponês ao sentido ideológico. No entanto, Moura (1986), relaciona o camponês àquele que vive em sua terra e do que ela produz.

Mendras (1978) possui uma concepção semelhante a respeito do camponês. Para ele, o camponês não está economicamente submetido ao capitalismo, pois trabalha na terra para se nutrir e não para obter lucros. Já Garcia (1983) afirma que, para o camponês, a luta pela terra está sempre relacionada ao desejo de ter a terra para trabalhar, no entanto, acrescenta o aspecto comercial do excedente, afirmando que, quando excede o alimento necessário à subsistência da família, o camponês também vende os seus produtos ao mercado. Em outras palavras, devido à subsistência ser prioridade, pode-se afirmar que o trabalho do camponês está baseado, fundamentalmente, na agricultura familiar e que, diferentemente do modelo de produção capitalista, a perspectiva de produção do camponês é baseada na não

acumulação de bens e capital, a terra é a garantia da manutenção da família, do modo de vida camponês (DONAT, 2006).

Conforme Moura (1986, p. 54), a família camponesa se afirma socialmente através das tarefas produtivas que desempenha, sendo, por isso, que “o trabalho familiar caracteriza o vínculo social do camponês com a terra”. Seguindo esta mesma compreensão, Sousa (1991) e Sousa (1992) afirmam que a terra é central para o camponês, pois ela diz respeito ao espaço que demarca a sua identidade, além de ser seu meio de sobrevivência e símbolo de liberdade.

Um aspecto importante ressaltado por Wolf (1970 *apud* Donat, 2006), a respeito dessas relações do camponês com o seu meio, é que os camponeses estabelecem uma relação de troca uns com os outros, fazendo uso da cooperação, na tentativa de sobreviverem às dificuldades no trabalho, sendo a ajuda um meio de também obtê-la quando precisar.

Diante dessa discussão, é pertinente problematizar: até que ponto a vida do camponês e o seu meio rural têm sofrido as influências da sociedade neoliberal? Já na década de 1980, em que se discutia sobre o fim do campesinato, Moura (1986, p. 18-19) aponta não para a extinção, mas para uma modificação no campesinato. Para a autora, em vários contextos históricos, o que predominou foi o fato de que “o camponês adaptou-se e foi adaptado, transformou-se e foi transformado, diferenciou-se internamente, mas permaneceu identificável como tal”. Tanto para a referida autora quanto para Abramovay (1991 *apud* Donat 2006), é a própria organização social do camponês, mais voltada para as relações entre familiares e a comunidade local, que o permite se proteger das influências externas, lhe permitindo a manutenção dos valores culturais e a autonomia diante dos demais contextos sociais.

De acordo com Wanderley (1999, *apud* Donat, 2006), diante das influências externas, o camponês brasileiro passou a adaptar a sua vida à modernidade, buscando manter a cultura de produção de seus antepassados, vivendo assim o conflito de tentar harmonizar a sua identidade de camponês perante as influências do meio.

Atualmente, para diversos autores estamos diante de uma nova ruralidade, que está sendo revalorizada. Conforme Carneiro (2006 *apud* Carvalho 2008), mediante a crise do urbano, há na contemporaneidade, um movimento que resgata

e valoriza a cultura e a sociedade rural, tornando-a importante no contexto econômico e social. Desse modo,

O rural pode ser entendido pela relação específica dos habitantes do campo com a natureza, com o qual o homem lida diretamente, sobretudo por meio de seu trabalho e do seu habitat; como também pelas relações sociais, diferenciadas, de interconhecimento, resultante da dimensão e da complexidade restritas das “coletividades” rurais (CARVALHO, 2008, p. 7-8, grifo do autor).

Por esse motivo, para Moreira (2007, p. 8 *apud* Carvalho 2008), “a associação do rural com a terra é uma das visões mais marcantes, daí a forte correlação rural com a natureza e com os processos naturais”. Sendo assim, o que mais se discute hoje é o desenvolvimento e o conceito de rural, levando em consideração o progresso tecnológico, as políticas públicas voltadas para o meio rural, o meio ambiente e a sustentabilidade no uso dos recursos naturais.

A partir desse contexto, Cerf e Sagory (2007) afirmam que, depois que a agricultura tornou-se um setor importante para as sociedades capitalistas, é exigido ao agricultor uma série de normas que interferem na organização do trabalho, na saúde e em suas condições de trabalho. Por isso é importante ao Ergonomista, conhecer as competências do ofício do agricultor, sendo uma das questões mais fundamentais compreender qual o lugar da atividade agrícola no projeto pessoal e familiar deste. Conforme Lancman (2004), a globalização tem provocado mudanças muito intensas no trabalho, assim como bruscos avanços tecnológicos e organizacionais que acabam por desfazer a experiência do trabalhador, desqualificando o seu *saber-fazer*, excluindo-o, muitas vezes, do processo de trabalho.

Mas, o que é trabalho? Para Albornoz (1986), a palavra *trabalho* envolve várias significações, sendo, tanto a realização de uma obra que produz reconhecimento social e seja permanente ao longo da vida do sujeito, quanto o esforço repetitivo que incomoda e não produz liberdade a quem trabalha. Já Dejours (2004, p. 65) define o trabalho como sendo “a atividade manifestada por homens e mulheres para realizar o que ainda não está prescrito pela organização do trabalho”, visto que o trabalho não se restringe à atividade prescrita, mas é, sobretudo, humano e, portanto, lugar de subjetividade. A esse respeito afirma Lancman (2004, p. 29):

O trabalho é mais do que o ato de trabalhar ou de vender sua força de trabalho em busca de remuneração. Há também uma remuneração social pelo trabalho, ou seja, o trabalho, enquanto fator de integração a determinado grupo com certos direitos sociais. O trabalho tem, ainda, uma função psíquica: é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratidão, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade.

Nesse sentido, para a referida autora, o trabalho é o lugar onde se dão as relações entre o “mundo externo e interno”, o lugar que constitui a identidade do trabalhador. Isso porque essa identidade, seja individual ou social, se constrói nas relações do sujeito com os outros, sendo a singularidade marcada pelas trocas materiais e afetivas que o sujeito vivencia cotidianamente. Essas trocas, intrínsecas ao mundo do trabalho, podem gerar sofrimento, como também prazer ao trabalhador. O sofrimento é gerado quando o sujeito é confrontado com imposições externas, tornando-se patológico quando este não consegue elaborar as defesas para lidar com as frustrações de forma criativa. Já o prazer no trabalho se dá quando proporciona desenvolvimento psíquico, obtido através de fatores como: o reconhecimento, a cooperação e a apropriação do trabalho, que mobiliza o sujeito a elaborar o seu saber-fazer no ambiente de trabalho, sendo capaz de emancipar, reapropriar, transformar e reconstruir a realidade (LACMAN, 2004).

Todos esses aspectos que envolvem o trabalho dizem respeito ao ofício. Para Clot (2010) o ofício é pessoal, interpessoal, impessoal e transpessoal porque nele estão contidas todas as dimensões presentes no trabalho, tais como: a história de vida e experiências anteriores do trabalhador; a relação e mecanismos de enfrentamento deste com o trabalho prescrito; as relações interpessoais entre os trabalhadores que desenvolvem uma forma coletiva de organizar a atividade laboral; o reconhecimento que o trabalhador adquire diante do outro e até a apropriação da atividade, que leva o trabalhador a desenvolver o seu próprio saber-fazer.

Devido a essa complexidade, o ofício significa conflito e se mostra apenas através do seu movimento. Para que ele continue vivo, a memória e a história do trabalhador envolvido na atividade são fundamentais.

A história e a memória profissional só podem permanecer um meio de agir no presente e de “descobrir” o futuro se forem mantidas por eles. Essa memória é aqui, designada como transpessoal, visto que não pertence a ninguém, é um meio disponível para todos e para

cada um, atravessa as gerações e, inclusive, cada profissional (CLOT, 2010, p. 290, grifo do autor).

Assim, para que haja a manutenção do ofício, é fundamental que o trabalhador tenha um sentimento de pertença e se reconheça em sua atividade, sendo seguro de sua utilidade social e da qualidade do seu serviço. Por isso é que a atividade torna-se pessoal e o trabalhador passa a ser autor daquilo que faz quando o ofício é apreendido. Sendo assim, é importante observar o lugar do ofício na vida dos assentados do MST para que se possa compreender até que ponto eles já se apropriaram do ofício e se reconhecem como agricultores.

### **1.3 Identidade do MST e identidade Sem Terra**

Conforme Caldart (2001), a identidade Sem Terra é uma herança que remete às lutas e aos movimentos sócio-históricos em prol da Reforma Agrária, que representam a realidade concreta dos trabalhadores rurais que não possuem terra. Assim, para a referida autora, a identidade sem terra é construída em um processo que envolve a interação da experiência concreta do sujeito sem posse de terra, somada ao projeto político idealizado pelo MST.

A formação dos Sem Terra nos remete a um processo de fazer-se humano na história que está produzindo e sendo produzido em um movimento de luta social, também constituído como parte de um movimento sócio-cultural mais amplo; mesmo sem que os Sem Terra tenham plena consciência disso, tal movimento extrapola seus interesses corporativos e projeta novos contornos para a vida em sociedade (CALDART, 2001, p. 4).

Desse modo, os Sem Terra “se humanizam e se formam como sujeitos sociais no próprio movimento da luta que diretamente desencadeiam”. No entanto, o grande desafio para a educação e humanização do sem-terra consiste justamente em “conscientizá-los” desse processo de formação da identidade sem-terra para que estes possam tornar-se sujeitos politicamente ativos e participativos em um projeto de sociedade, como defende o MST (CALDART, 2001).

Pelo que foi aqui exposto, o Sem Terra constrói sua identidade no processo de luta social e política, fazendo existir a força política do movimento ao passo que o movimento representa o sujeito Sem Terra. Tal fato é muito bem representado pelo termo “relação circular” de Bourdieu (1989, *apud* Moreira, 2008). Tomando como

referência esse conceito, Moreira (2008, p.6) fala sobre o jogo de poder entre representante e representado e afirma que o representante ou mediador político “apenas existe porque existe o grupo ao qual ele representa e, da mesma forma, o grupo representado só existe por causa da existência necessária de um porta-voz”, sendo o porta-voz quem exerce poder sobre o grupo representado. Assim, nessa relação:

A figuração do sujeito ‘sem-terra’ não é, portanto, a figuração do sujeito que protagoniza a reforma agrária. Antes disso, o ‘ser sem-terra’ é muito mais uma identificação político-ideológica construída dentro da essência do debate emergido pela mediação política. Ou seja, é um sujeito virtual construído dentro de uma ótica de significação [...] mas que, na verdade, oculta o verdadeiro protagonista do processo, que é o trabalhador presente no cotidiano dos assentamentos, portadores de valores e de *ethos* particulares que não aparecem no cenário social, uma vez que foi ocultado por uma nomenclatura denotada de outros conceitos (MOREIRA, 2008, p.6-7, grifos do autor).

Por esse motivo, conforme Martins (2004 *apud* Moreira 2008) existe uma diferença entre demanda por terra e reforma agrária. Enquanto o desejo pela terra representa o trabalho, lugar ou inclusão social para os trabalhadores rurais, a reforma agrária é a representação política dessas lutas por terra vivenciadas pelos trabalhadores. Isso significa que há uma diferença entre o discurso do Sem Terra (grupo representado) e o discurso do MST (grupo representante), como aponta a pesquisa realizada por Moreira (2008) no assentamento Estrela do Norte em MG. Ao se referir à luta por terra, o referido autor diz que esta é concebida pelos trabalhadores rurais como meio de transformação direta na vida concreta, enquanto que para as lideranças do MST, a terra possui um significado político que ultrapassa o imaginário do assentado.

Essa diferenciação de identidades pode ser melhor compreendida fazendo uso do conceito de *habitus* de Bourdieu, Almeida (2010) nos auxilia a pensar que o processo de construção da identidade se dá conforme a trajetória individual e coletiva do sujeito. Assim, se identificando ou não com o MST, ao se inserir na luta por terra, o trabalhador passa a ser identificado como “Sem Terra”, o que pode gerar uma tensão entre sua identidade social e a representação intrínseca ao nome “Sem Terra”.

Por outro lado, assumir a identidade “Sem Terra” não é um processo simples, porque faz o sujeito assumir e ser denominado por uma identidade muito estigmatizada pela sociedade. Sobre o conceito de estigma, afirma Goffman (1988, p. 12 *apud* Almeida, 2010, p. 44):

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que se pudesse ser incluído, sendo, até de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (...).

Como alerta Almeida (2010), muitos movimentos sociais, como o MST, são estigmatizados devido às influências e contestações da mídia que, movida por interesses políticos e econômicos, acaba por exercer um poder simbólico e social na formação da identidade. Por isso, é a partir dessa representação do Sem Terra disseminada na sociedade, que o assentado, mesmo quando passa à condição de assentado, continua sendo concebido segundo os valores atribuídos pela sociedade e seus meios de controle.

É nesse contexto de repressão e estigma do outro que a identidade também pode ser fortalecida, porque a diferença em relação aos grupos externos gera o sentimento de pertença trazendo unidade ao grupo marginalizado. Assim, no caso da identidade Sem Terra, o estigma sofrido, ao invés de causar conflito, pode também contribuir para manter a “coerência interna” da identidade.

## CAPÍTULO II

### SOBRE A PESQUISA E O UNIVERSO PESQUISADO

#### 2.1 Universo da pesquisa: o assentamento Pequeno Richard

Como explicitado anteriormente, a pesquisa foi realizada num assentamento constituído a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, chamado “Pequeno Richard”, localizado em Catolé de Boa Vista, no município de Campina Grande-PB. Esse assentamento iniciou a fase de acampamento em 2008 e tornou-se assentamento em 2009. Foram assentadas, segundo dados do INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), 49 (quarenta e nove) famílias numa área total de 1.210 hectares.

É importante evidenciar que o processo de ocupação do assentamento Pequeno Richard se deu de forma pacífica, ou seja, sem conflitos entre os Sem Terra e o proprietário da fazenda. No período em que os assentados ocuparam a terra, o INCRA já tinha decretado a desapropriação da fazenda e faltava apenas que a proprietária acatasse ao mandato judicial, fato que ocorreu dois meses após a ocupação.

Outro aspecto desse assentamento é seu processo de composição que se deu de forma muito heterogênea. O assentamento é composto por pessoas que vieram do acampamento, também denominado Pequeno Richard, existente desde 2006, no assentamento do MST José Antônio Eufrosino; por pessoas vindas de outros acampamentos do MST; por pessoas que migraram da zona urbana de Campina Grande; por moradores da Vila de Catolé de Boa Vista que trabalhavam como agricultores em terra alheia; por antigos moradores da fazenda ocupada e por agricultores Sem Terra que moravam nas proximidades de Catolé em sítios de familiares.

É importante ainda esclarecer que, no momento em que foi realizada a pesquisa, os assentados já estavam morando nos lotes e enfrentavam algumas dificuldades no que diz respeito à infraestrutura do assentamento. O problema de ordem mais coletiva era em relação a não liberação do desmatamento da terra nos lotes pelo IBAMA, para a realização do plantio, visto que, até então, só havia sido liberada a área para construção dos barracos ou casas. Uma parte dos assentados (os residentes nos lotes que não ficavam próximos à estrada do Catolé), também

passava por dificuldades como falta de água e energia elétrica, enquanto que os demais tinham água encanada fornecida pela CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) e energia fornecida pela Energisa.

## **2.2 Instrumentos da pesquisa**

Para a realização da pesquisa, optou-se pelo método qualitativo. Sendo assim, como recursos metodológicos, utilizou-se a metodologia da História Oral, através da obtenção de depoimentos orais, e a observação participante, através do registro em diários de campo.

### **2.2.1 História Oral e depoimentos orais**

De acordo com Alberti (2004, p.26) a História Oral (HO) “pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda, como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”. Para Lang, Campos e Demartini (2001), a HO tem como objeto de estudo o tempo presente através da ativação da memória, resgatando os aspectos individuais e coletivos que fazem parte do contexto sócio-histórico do sujeito. Assim, conforme Cavalcanti (2005), o depoimento oral possibilita ao sujeito construir e reconstruir histórias sobre a sua própria vida e sobre a história da comunidade a qual pertence. Por isso, pode-se afirmar que a metodologia da HO consiste no registro da narrativa, sendo a memória a principal fonte dos depoimentos (THOMPSON, 1992; DELGADO, 2006).

A memória manifesta continuamente a atualização do passado, sendo por isso lugar de refúgio, para a história e para a ficção (PINTO, 1998). Desse modo, a memória, que emerge na narrativa, permite ao sujeito o acesso à sua própria história, mergulhando na temporalidade, podendo ressignificar o passado a partir do presente e, assim, reconstruir a sua identidade. Por isso, pode-se afirmar que,

As narrativas, tal quais os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo (DELGADO, 2003, p. 21-22).

Ao referir-se à relação entre memória e identidade, Pollack (1992, p. 205) ressalta que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, seja ela individual ou coletiva, pois ela seleciona e constrói os fatos de acordo com a imagem que o sujeito ou grupo faz de si, para si e para os outros, mantendo, assim, a continuidade e coerência dessa representação.

Assim, por meio das entrevistas, acionamos as memórias dos agricultores na tentativa de compreender a(s) concepção (ões) destes quanto ao mundo no qual estão inseridos.

Foram entrevistados homens e mulheres, sendo 10 mulheres e 10 homens, todos casados, com idades entre 23 e 82 anos. É importante evidenciar que os nomes dos depoentes não serão identificados, cada um dos entrevistados está representado por um nome fictício, foram utilizados nomes de aves e plantas do Cariri.

Foram realizadas 22 entrevistas, no entanto, devido a problemas técnicos, 02 (duas) entrevistas foram perdidas. O número de entrevistas seguiu o critério de ponto de saturação que é uma ferramenta utilizada na pesquisa qualitativa para verificar se já se dispõe de informações suficientes sobre determinado aspecto pesquisado. Desse modo, quando os dados obtidos tornam-se repetitivos e redundantes, sem nada mais a acrescentar aos conteúdos já obtidos, suspende-se a realização das entrevistas (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2001). Como afirma Duarte (2002, p.143-144), na metodologia qualitativa não é possível estabelecer a princípio o número de entrevistas, “depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações”.

A coleta dos depoimentos orais foi realizada no próprio assentamento. Para tanto, eu fiquei hospedada na casa de um dos assentados durante quatro dias. Diariamente, andava de bicicleta nos lotes para realizar as entrevistas. Após explicar o objetivo da pesquisa, solicitava aos entrevistados a gravação de depoimento oral sobre o que é ser agricultor. Ao longo dos relatos, eram feitos questionamentos de acordo com os objetivos da pesquisa. Vale salientar, ainda, que a pesquisa foi aprovada e está de acordo com as exigências e aprovação do Comitê de Ética (ANEXO 1). Sendo assim, a participação na pesquisa foi voluntária, sendo então confirmada apenas mediante a assinatura dos participantes no Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2), além de ser mantido o anonimato em todas as informações.

### **2.2.2 Observação participante e diário de campo**

De acordo com Cruz Neto (2000), a observação participante visa, através de uma relação face a face com a população, obter mais informações sobre a realidade. O autor afirma ainda que o registro de tudo o que envolve a relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa durante toda a fase de investigação deve ser considerado parte do material de análise, pois irá também auxiliar na análise dos dados da pesquisa, sendo tal ideia compartilhada por Duarte (2002).

Como ressalta Araújo (1999), a “convivência” com o grupo a ser estudado é fundamental para que se compreendam os processos interativos e comunicativos. Por isso, os diários de campo foram úteis à pesquisa, sendo utilizados com o objetivo de registrar os acontecimentos e impressões subjetivas observadas em campo. É importante lembrar que os diários de campo consistem em uma prática já realizada pelo grupo de extensão, de modo que as informações sobre o assentamento já registradas nos diários de campo pelo grupo de extensão também foram utilizadas para embasar a análise das entrevistas neste trabalho.

### **2.3 Análise dos dados na hermenêutica dialética**

Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas, tendo-se o cuidado de não “caricaturar” a fala dos entrevistados pertencentes ao mundo rural, evitando-se assim reproduzir, nas transcrições, erros de fonética, visto que, como afirma Whitaker (et al, 2002), trata-se de respeito à cultura do outro reproduzir os erros de sintaxe e não de fonética.

Feitas as transcrições, as entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo. Segundo Gomes (1995), a análise de conteúdo é um método que possibilita a resposta para as questões formuladas na pesquisa, favorece a confirmação ou refutação de “hipóteses” existentes, além de elucidar os “conteúdos ocultos” que estão presentes nos “conteúdos manifestos”.

Para a interpretação dos dados foi utilizado o método hermenêutico-dialético proposto por Minayo (1995). Considerando os procedimentos e etapas sugeridas

pela referida autora, foi feita uma interpretação dos conteúdos que emergiram nos depoimentos orais, assim como uma interpretação das condutas observadas e registradas no diário de campo. Para uma melhor estruturação dessa etapa, foi feita, inicialmente, uma organização dos “dados”, como transcrição das entrevistas e organização da observação participante em diários de campo; em seguida foi feita uma classificação dos “dados” através de uma leitura exaustiva dos conteúdos até que se identificassem os aspectos relevantes; e por último, foi estabelecida uma relação entre os conteúdos relevantes e os referenciais teóricos, para que assim fossem respondidos os objetivos da pesquisa. Cumpre ressaltar que os aspectos sócio-históricos do grupo foram levados em consideração em todo o processo da pesquisa.

#### **2.4 Devolução da pesquisa: contribuições do Teatro do Oprimido**

Após a apresentação desse trabalho, será feita a devolução da pesquisa, a fim de que assim seja firmado um compromisso social com a comunidade pesquisada. Desse modo, os resultados desta pesquisa serão utilizados como estratégia para possibilitar uma reflexão junto aos assentados sobre sua própria identidade enquanto agricultores, bem como sobre a realidade do assentamento a fim de que juntos, assentados e militantes do MST, reflitam sobre os desafios da vida no campo.

Para a realização da devolução da pesquisa, será utilizado como recurso metodológico o Teatro do Oprimido (TO). O TO foi desenvolvido por Augusto Boal na década de sessenta e é formado por um conjunto de técnicas voltadas para a transformação da realidade mediante a encenação e reflexão de situações de opressão vividas cotidianamente, favorecendo assim “um ensaio da vida real”. (BOAL, 2005, p. 19).

A fim de que as questões refletidas na devolução da pesquisa possam ter um desdobramento na prática extensionista já desenvolvida no assentamento, a devolução será realizada em parceria com o projeto de extensão da UEPB “Psicologia e Educação Popular no meio rural”, mencionado anteriormente. Desse modo, fazendo uso de uma das técnicas do TO, chamada Teatro-Fórum, será realizado juntamente com o grupo de extensão um fórum baseado nos depoimentos orais da pesquisa.

Como afirma Boal (2007, p.326) o “Teatro-fórum é, antes de tudo, uma boa pergunta” e por isso deve provocar um debate, uma dialética para estimular os espectadores à ação, o que faz o espetáculo ultrapassar o limite da encenação e fazer parte da vida real. A intenção, utilizando essa metodologia na devolução da pesquisa, é “provocar” os “expect-atores” (assentados e militantes), fazendo-os se questionarem sobre as situações de opressão vividas no cotidiano e se estimularem a serem protagonistas de sua própria vida e do contexto social a que pertencem, refletindo, inclusive, sobre suas identidades, como agricultores que residem num assentamento constituído pela luta do MST.

### CAPÍTULO III

#### **“SER” AGRICULTOR, TRABALHO E TERRA: AS IDENTIDADES DOS ASSENTADOS DO PEQUENO RICHARD**

Neste capítulo serão realizadas discussões a respeito do que é ser agricultor, sobre o que é o trabalho na terra, sobre a terra e sobre a luta pela terra, e assim, foi subdividido a partir dessas temáticas e está organizado da seguinte maneira: 3.1 *Pesquisadora e agricultores: um encontro de identidades que se opõem e se enlaçam*; 3.2 *“Ser” agricultor: uma identidade que se constrói no trabalho*; 3.3 *A terra é tudo* e 3.4 *O que motivou a luta pela terra*.

#### **3.1 Pesquisadora e agricultores: um encontro de identidades que se opõem e se enlaçam**

Irei compartilhar aqui um pouco do que foi registrado no diário de campo. A ida para o assentamento enquanto pesquisadora, ao mesmo tempo em que era algo novo, também foi uma experiência somada a muitas outras que tive no assentamento junto ao grupo de extensão. Foi acordado, junto ao grupo de extensão, o período da minha saída do projeto, desse modo, o dia em que fui realizar a pesquisa para esta monografia demarcou também a minha última visita ao assentamento como extensionista. Então, era o fim de uma história e o começo de um novo percurso.

Assim, após as visitas de campo com as extensionistas, fiquei na casa de uma das assentadas, que me recebeu como hóspede e que já me esperava, me recebendo com muito carinho e atenção. Outro senhor do assentamento também me esperava e, com satisfação, me emprestou durante os dias que fiquei no assentamento o seu meio de transporte: sua bicicleta.

Passei três dias em campo, andando rumo aos entrevistados e a minha própria história. No movimento entre as conversas e minhas pedaladas de bicicleta, estava eu vivenciando as minhas identidades que se encontravam e “se beijavam harmonicamente”. Eu era a pesquisadora que foi ao assentamento obter dados para sua monografia de conclusão de curso e, ao mesmo tempo, a filha de agricultores lá do sertão de Pernambuco, que resgatava a sua origem na relação com aquele contexto rural. Então, o fato é que, ao mesmo tempo em que eu não deixava de ser

pesquisadora, eu me sentia muito feliz e à vontade, como se estivesse acabado de chegar junto da “minha gente”, como me sinto no sítio dos meus pais, familiares e amigos em Bodocó - PE.

Tomando como referência a afirmativa de Araújo (1999) sobre a “convivência”, fiquei atenta às relações que tinham sido construídas durante a prática de extensão e que estavam sendo mais aprofundadas naquele momento. E o fato é que, tanto as minhas identidades quanto às deles, oscilavam, se encontravam e se repeliavam, numa mistura entre agricultores e depoentes, filha de agricultores e pesquisadora.

Durante as conversas informais, a maioria dos entrevistados parecia se sentir à vontade diante de mim, falavam dos sonhos, me mostravam como trabalhavam e falavam dos problemas mais abertamente. No entanto, após eu solicitar e começar a gravar os depoimentos, os receios, as falhas na fala apareciam porque ali eu passava a ser, mais explicitamente, a pesquisadora e eles, os entrevistados, que deviam “vigiar” a memória e os ditos.

Isso remete a uma questão: Até que ponto o fato de o pesquisador pertencer à mesma classe social do grupo pesquisado interfere nas narrativas? A esse respeito Portelli (2005) aponta que, na relação entre o narrador e o historiador oral, a modalidade de identificação é um risco, pois consiste em uma modalidade falsa, uma vez que, embora haja semelhanças, o fato é que cada sujeito tem sua história e sua identidade, havendo, portanto, a diferença.

Assim, numa relação, onde há semelhanças, estão presentes também as diferenças de sentidos que acabam sendo evidenciadas na fala, o que possibilita aos sujeitos envolvidos na narrativa se perceberem de forma diferente. Para Portelli (2005, p. 54), “esse é o lugar onde o relato ganha significado”.

### **3.2 “Ser” agricultor: uma identidade que se constrói no trabalho**

Este item discute sobre as várias “facetas” da identidade de agricultor, nas quais o trabalho é o ponto que demarca essa identidade, como podemos observar nos depoimentos orais abaixo:

[...] O que é ser agricultor pra mim? [...] É, pra mim ser agricultor é trabalhar na te... primeiramente é trabalhar na terra, n/é?... tem que ser uma pessoa que se identifica na terra... que vive produzindo pra

sua... pra... a sua sobrevivência, n/é?...**(Lavandeira, sexo feminino, 44 anos).**

Agricultor é... trabalhar na terra e...plantar, n/é?... Plantar, colher, n/é..., criar... num é isso?[...] É...(pausa) ter responsabilidade onde tá morando, com a terra saber plantar, saber colher...entendeu?...viver da **terra!** (falou enfaticamente)

**(Tico-tico, sexo masculino, 62 anos).**

Para Lavandeira e Tico-tico, o agricultor é aquele que trabalha na terra, e sobrevive dela. A partir da análise desses depoimentos orais, observa-se que a identidade de agricultor é construída a partir do sentimento de identificação com o trabalho na terra. Assim, é no sentimento de pertença ao ofício de agricultor que é construída essa identidade como assinala Clot (2010).

No entanto, isso é ainda mais enfatizado no depoimento de Jurema transcrito abaixo:

O que é ser agricultora pra mim? ... huum... ser agricultora é, é... você... em primeiro lugar você... **gostar** (enfático) de ser agricultora... e depois você gostar, amar aquilo que você faz... mexer na terra. E... plantar, colher..., entendeu como é?... é isso, no meu entendimento... é o que eu acho que ser agricultora... é... é amar o que você faz... plantar, colher...[...] Ah, o trabalho na terra é o sonho de todo agricultor... você tem o... você tem que plantar, esperar, ser paciente... tolerante, e depois o importante vem... é a **colheita** (enfático).

**Entrevistadora:** A colheita?!

Verdade... o mais importante pra gente... a alegria do agricultor é ... a **colheita** (enfático).

**Entrevistadora:** E como é que acontece esse trabalho que você tá falando aí... que envolve o plantar e a colheita?

Ah, isso aí acontece... em primeiro lugar... quando você tem a terra, você tem o acesso a terra... aí vem o inverno constante e você planta... e com a paciência você **colhe** (falou com firmeza) e... se **realiza** (falou com suavidade no tom, mas enfaticamente)

**Entrevistadora:** Se realiza?!

De verdade, porque a realização do agricultor é... o inverno plantar e colher. Em primeiro lugar... ter acesso a terra...n/é?

**(Jurema, sexo feminino, 53 anos).**

Para Jurema, ser agricultora não é apenas trabalhar na terra e sobreviver dela como muitos já disseram, mas é ter também amor por esse trabalho. Assim, essa assentada constrói uma posição identitária que se expressa no sentimento de prazer pelo trabalho. Para Dejours (2004), o prazer é um dos aspectos mais importantes no trabalho e promove a saúde do trabalhador.

### 3.2.1 Vida de agricultor não é fácil

A identidade de agricultor está relacionada também às dificuldades que os mesmos enfrentam em seu ofício. Como podemos verificar nos trechos abaixo:

Pra **mim** (enfático) ser agricultor é viver em constante **luta** (enfático), n/é? ... numa batalha constante porque hoje em dia pode-se dizer... **eu vivo** (enfático) da agricultura! E num pode n/é? num é mais porque: uma que vai do tempo...as chuva são irregulares, num é mais como antigamente. No tempo do meu pai eu ainda alcancei um lucro bom que a gente plantava e lucrava **muito** (enfático)... Mas hoje em dia já num é como antes, mas ainda dá pra se viver da agricultura... assim n/é? a gente tenha a coragem de trabalhar porque a luta é **grande** (enfático), é muito trabalho... **muito mesmo!** (enfático) [...] A gente planta aqui mesmo na agricultura, a gente... feijão, milho, é... aqui no Cariri é mais isso... feijão, milho, fava... a gente faz isso: planta... pra quê? Pra sobreviver, é mais pra sobreviver, num é nem pra o comércio n/é? [...] É mais pra sobreviver mesmo!

**(Caatingueira, sexo feminino, 38 anos).**

Ser agricultor pra mim no meu ponto de vista é... **é muito bom** (enfático), só que é uma vida meia... mais sacrificada, n/é? principalmente quando é um ano pouco de chuva, n/é? que nós agricultor tem muito prejuízo... [...] Lucra pouco... quando é um ano bom de chuva, não, a gente lucra que... dá pra comer o resto do ano todo, nem precisa você comprar, n/é? enquanto chega a outra colheita. Mas ser agricultor pra mim é muito bom...

**Entrevistadora:** é bom ser agricultor!?

**É, com certeza!** (enfático) É aonde o quê? É aonde a gente... colhe muitas coisa porque hoje você ver...você vai num supermercado você compra um quilo de feijão... o dinheiro como é o custo de vida com...é difícil, n/é? você tem que botar aquele feijãozinho no fogo **limitado** (enfático)... não, quando a gente lucra não, a gente bota é... tem muito feijão pra comer....

**(Mãe-da-lua, sexo feminino, 42 anos)**

É... de agricultura eu entendo um pouco, a plantar, colher. É muito bom, só que é uma vida **sufrida** (enfático), n/é? porque... se você for plantar só pra você ainda vai, agora só que... assim... de meia de... dividido num dá. Você sofre **muito, muito, muito** (enfático).

**(Quixabeira, sexo feminino, 42 anos)**

Caatingueira deixa transparecer em seu depoimento a identidade de agricultor como aquele que vive lutando com coragem para enfrentar às dificuldades que são próprias do seu ofício, sendo a maior dificuldade aquela que é imposta pela própria natureza: as chuvas irregulares. Ao falar sobre esse aspecto, ela relata que, em épocas anteriores, havia abundância e ela podia ver o resultado do seu trabalho,

porém, atualmente a irregularidade das chuvas prejudica sua produtividade de tal modo que o que é produzido é suficiente apenas para sua subsistência. Como afirma Velôso (1990), há uma relação do produtor com a terra, que luta para tirar da terra a sua subsistência, o que lhe exige coragem. Nesse caso, Caatingueira constrói uma imagem de si como lutadora. Alguém que enfrenta com coragem o trabalho na terra para garantir sua subsistência em meio às dificuldades.

Mãe-da-lua também se remete às dificuldades do trabalho do agricultor diante das condições climáticas, e demonstra sua preferência pela agricultura de subsistência em detrimento da dependência do comércio, porque para ela, depender do comércio significa ter uma alimentação limitada devido à condição financeira. Isso corrobora o que Mendras (1978) afirma sobre o camponês, definindo-o como aquele que produz apenas para alimentar a si e a família, estando a sua produção condicionada aos fatores climáticos. Scott (1981, *apud* Velôso, 2001) também situa a subsistência como o objetivo principal do camponês, afirmando que esses organizam a vida sócio-política de acordo os limites da sobrevivência, sendo inconcebível não produzir e trabalhar na terra.

Assim como Caatingueira e Mãe-da-lua, Quixabeira ressalta as dificuldades que envolvem o trabalho na agricultura, no entanto ela apresenta uma identidade ligada ao sofrimento quando dividia a produção com o dono da terra. Nesse relato, possivelmente ela rememora a situação vivenciada no passado em que trabalhava em terras alheias e tinha que se submeter ao dono da terra. Este aspecto será explorado em um item mais adiante.

### 3.2.2 O trabalho do agricultor mantém a vida nas cidades

Aqui verificamos o trabalho do agricultor concebido como suporte para a subsistência da zona urbana, como pode ser visto nos depoimentos de Tico-tico e Canário, abaixo descritos.

Trabalhar na terra é... a gente sempre progredir, n/é?... produzir o que a gente... pra cidade. A cidade... ela só vive se a terra **produzir** (enfático)... se num produzir a terra como é que o povo vai **viver?** (enfático)... [...] Tudo o que existir de... desse negócio de base... tudo é da terra... [...] Tudo no mundo existe através da terra!  
**(Tico-tico, sexo masculino, 62 anos)**

Ser agricultor... é trabalhar na roça, é plantar, é criar **uns gadinhos**

por aí (falou rindo)... [...] olha... (pausa) [...] pra mim ser agricultor é **tudo** (enfático) sabia?

**Entrevistadora:** É tudo!?

É **tudo** (ênfase)... porque já basta o que a minha família passa fora... e o mesmo Deus de lá é o Deus de cá... num é isso? ... porque você sendo agricultor você vai... tá dando alimento, repassando o alimento pra quem realmente não **tem!**(enfático)

**Entrevistadora:** Tá repassando alimento pra quem não tem!? ser agricultor...

É... porque você compra, a cidade não tem... você pode vender e lá eles vão ter... [...] Num é... porque ser agricultor eu acho assim...que é trabalhar pra os **rico** (enfático) de lá... nesse sentido...[...]Tá entendendo? ...você plantar, você colher e eles **comprar!** (enfático) [...] É assim a gente trabalha... pra sustentar o meio urbano, num é? (**Canário, sexo masculino, 39 anos**).

Os depoimentos de Tico-tico e Canário mostram que os mesmos têm consciência do valor do trabalho que realizam enquanto agricultores, pois afirmam que o que sustenta as pessoas que residem nas cidades é o fruto deste trabalho e, assim, entendem que a cidade depende do campo. Desse modo, para esses assentados suas posições identitárias são fundamentadas nesse reconhecimento de si e do que produzem, a qual está intrinsecamente ligada a ser mantenedor da zona urbana. Tico-tico aprofunda ainda mais essa consciência ao mostrar que se sente responsável por suprir as necessidades da cidade com seu trabalho e assim sendo, ele *deve* progredir e produzir para fornecer o alimento.

Já Canário enfatiza com veemência sua identidade enquanto agricultor afirmando que ser agricultor é *tudo*, porque trabalha para sustentar as pessoas que vivem no meio urbano, vendendo a estes os produtos que planta, o que aponta que o mesmo reconhece o valor do papel que desempenha na sociedade. Essa função do trabalho do agricultor em produzir para garantir a subsistência do meio urbano é um aspecto apontado por Garcia (1983) como um dos aspectos presentes na identidade do camponês. Esse reconhecimento que esses trabalhadores têm de si aponta para suas “expectativas subjetivas e a realização de si mesmo” (DEJOURS, 2004, p.73).

### 3.2.3 A cooperação no trabalho do agricultor

Nos depoimentos de Bem-te-vi e Curió, abaixo, o desejo pela cooperação está presente e é concebido como importante no trabalho do agricultor.

É... o trabalho se dá na terra... a gente... eu penso assim, n/é?... com **união** (enfático), a pessoa ter um pedacinho de terra pra **trabalhar** (enfático)... se ajuntar várias pessoa... [...] Porque a pessoa ter terra e num ter união... acho que a pessoa num tem **nada na vida!** (enfático)

**Entrevistadora:** Se num tem união num tem nada na vida!?

Num **tem nada na vida!** (ênfase seguida de silêncio).

**(Bem-te-vi, sexo masculino, 23 anos)**

O trabalho na terra é a gente viver, arrumar amizade... trabalhar, plantar, criar...o trabalho na terra é isso aqui que eu digo... é nós ver o que tá precisando... ajudar a vida do outro pobre, n/é? [...].

**(Curió, sexo masculino, 51 anos)**

Bem-te-vi assume a posição identitária de quem valoriza a união e a coloca como meio de realizar conquistas no trabalho na terra. Curió, por sua vez, valoriza, além do trabalho na terra, a amizade, sendo a cooperação, a ajuda mútua um dos princípios de sua identidade. Em relação a esse aspecto da cooperação entre os agricultores no contexto do trabalho, vemos confirmado nestes depoimentos o que Wolf (1970, *apud* DONAT, 2006) afirma sobre a cooperação como um dos aspectos presentes na vida dos camponeses, que se ajudam mutuamente, sendo esta uma forma de obter ajuda quando necessário. Para Dejourns (2004), a cooperação está relacionada ao trabalho saudável porque a relação entre os trabalhadores na execução do trabalho (o que se dá a partir da confiança no outro) permite que estes tenham a liberdade de se mobilizar subjetivamente para superarem coletivamente as dificuldades intrínsecas ao trabalho.

### 3.2.4 Identidade de agricultor: uma identidade herdada

No depoimento abaixo a identidade de agricultor aparece como algo herdado de família.

O significado de agricultor e agricultora... é **muito importante pra mim!** (enfático)... até mesmo porque eu fui criada na agricultura, n/é?... hoje, graças a Deus, pelo exemplo de vida que meu pai me deu, como ele me criou... eu sobrevivo em cima disso. É... apesar das dificuldade, n/é?... que nós temos aqui... mas pra mim isso num é baque que a gente num possa atravessar, eu acho que nada é impossível! E... eu acho que pra ser agricultor eu acho que vem de uma criação num é um nome agricultor, é uma criação que você tem, como se fosse uma genética, n/é? Você **aprende** (enfático) porque tem família, já vem de família... seus avós, seus filho, avó... e aí vai criando! E hoje eu como mulher eu tô aqui com minhas duas filha...

eu me orgulho **muito** (enfático) como mulher de tá aqui e de puder até... assim... distribuir aquilo que um dia eu deixei pra trás quando eu passei a morar numa vida urbana, que nunca foi o meu forte... meu forte foi tá com uma chibanca e uma foice na mão... e uma peixeira também que eu nunca deixei de ter, n/é? (risos) [...] (risos) um chapéu e uma bota no pé... pra mim isso é muito importante, quer dizer, eu como pessoa eu vejo isso em mim, eu **gosto** (enfático) da agricultura!

**(Baraúna, sexo feminino, 39 anos).**

A partir de seu depoimento, Baraúna se afirma como agricultora porque foi criada juntamente com sua família na agricultura, e, portanto, para ela, ser agricultor é ser filho de agricultor, sendo esta identidade uma herança que é transmitida de geração para geração. Por isso, como assentada, ela expõe seu orgulho em poder está vivenciando a agricultura novamente, resgatando sua história e a de sua família a partir da realização do trabalho no campo com o qual muito se identifica. Para Woortmann e Woortmann (1997), na vida do camponês o que é aprendido também é ensinado, passado de geração para geração, o que corrobora a inferência de que a construção da identidade de agricultor é algo aprendido, como colocado no depoimento acima.

### 3.2.5 Ser agricultor é uma profissão

Outro aspecto que aparece nos depoimentos sobre o que é ser agricultor, é o reconhecimento da identidade de agricultor como uma profissão, como pode ser visto no depoimento abaixo:

Agricultor é... é... é uma profissão que... [...] Então ser agricultor é isso... eu num aprendi outra profissão... [...] Pronto, então pra mim ser agricultor é isso... é ter uma profissão, não **outra** (enfático)... num sei fazer outra coisa, só sei fazer isso mesmo! ser agricultor é isso. [...] Ser agricultor pra mim é isso... é num ter, num saber fazer outra coisa e num ter como... minha profissão é a terra... enxada, ferramenta... e **cuidar da terra!** (enfático)... Ser agricultor é isso!  
**(Pereiro, sexo masculino, 82 anos).**

Pereiro, ao ter um reconhecimento do seu ofício como profissão, na realidade também está se reconhecendo enquanto um profissional em meios aos demais de outras áreas. Ao falar também sobre o manuseio das ferramentas, diz que trabalhar na agricultura é tudo o que sabe fazer, mostrando então o seu saber-fazer no ofício que vivenciou em toda sua vida.

### 3.3 A terra é tudo

Nos depoimentos orais referentes ao que é a terra, os assentados afirmaram que a terra é tudo e é vida, sendo esta definição motivada por inúmeros aspectos de identificação, como pode ser conferido nos depoimentos transcritos abaixo.

Minha filha, a terra é uma das coisas mais importante, é a terra! [...] porque é aonde você arruma o meio de sobrevivência é na terra.

**Entrevistadora:** Um meio de sobrevivência!?

Aí a terra pra mim... é **tudo** (enfático), a terra pra mim é **tudo, é tudo, é tudo** (enfático), a terra pra mim é tudo, n/é?...eu me sinto muito orgulhoso em possuir um pedaço de terra hoje porque a terra, ói, tem uma importância tão grande que a gente num sabe nem dizer a importância que tem.

**(Azulão, sexo masculino, 54 anos).**

Ah, a terra é... pra mim é **tudo** (falou alto e enfaticamente), é a mãe natureza... eu acho que a gente sem... sem a terra eu acho que... sei lá, sem espaço, sem respirar, sem chão... meu Deus! A terra é... **sagrada** (enfático), significa tudo... significa **tudo!**(enfático)

**Entrevistadora:** Significa tudo?!

Significa tudo... assim, porque quando a gente é agricultor o que importa pra gente é a **terra** [...] e sem a terra... a gente num **somo nada!** (enfático) [...] a terra é sagrada, é abençoada, é uma coisa... a natureza, a mãe natureza.

**(Jurema, sexo feminino, 53 anos).**

A terra é... pra mim ela é uma vida fundamental de alimentação. Que nós fomos criados pela... e Deus deu nossa alimentação que é se alimentar da terra. Então a terra é vida e é uma alimentação, é a sustentação do **povo!** (enfático)

**Entrevistadora:** É a sustentação do povo!?

É, a sustentação do povo é terra e água. É... terra é sustentação e **vida!** (enfático)[...] Essas duas coisa (silêncio)

**(Juazeiro, sexo masculino, 78 anos).**

No depoimento de Azulão, a palavra *tudo* aparece quatro vezes, o que demonstra a necessidade do depoente em enfatizar a sua afirmativa. Para ele a terra é considerada como uma das coisas mais importantes, pois é o meio de sobrevivência. Para Jurema, a terra é a mãe natureza que significa tudo para o agricultor, colocando-se assim, como agricultora que só pode existir e ser afirmada como tal por causa da terra, que é o que em sua concepção, mais importa.

Como o agricultor trabalha com a terra, Jurema diz ainda que os agricultores sem a terra não são nada, concebendo-a, assim, como indispensável ao homem do campo. Juazeiro diz que a terra é vida e sustentação, porque é através dela que o

povo obtém a alimentação para se sustentar. Essas concepções podem ser fundamentadas no que afirma Veloso (2001, p. 166), a partir das contribuições teóricas de Madeira (1988): “a terra define o pequeno produtor, isto é, é o espaço essencial para construção da identidade, pois o seu “eu” se estrutura, se define e se limita nessa relação – sem a terra ele não é ninguém”.

Afirmar que a terra é tudo demonstra o quanto esta é fundamental para o agricultor, conforme apontam diversos autores, como Sousa (1991), Sousa (1992) e Donat (2006). Isto porque a terra remete ao espaço que o diferencia de outros grupos e demarca a sua identidade, além de ser o meio de sobrevivência de sua família e símbolo de liberdade.

Ao contrário de todos os depoimentos que concebem a terra como tudo, Mãe-da-lua afirma que a terra não é tudo, mas quase tudo porque quem é mais importante é Deus.

Eu num vou dizer tudo, mas **quase tudo!**(enfático)

**Entrevistadora:** Quase tudo!?

**É!!** (enfático) Eu num dizer tudo, n/é? porque primeiramente Deus. [...] Porque na terra tudo que você planta **dá...** (enfático) [...] Por isso que eu gosto muito, sou agricultora e tenho... **orgulho** (enfático) de ser o que eu sou!

**(Mãe-da-lua, sexo feminino, 42 anos).**

Percebe-se no depoimento de Mãe-da-lua a ênfase que dá ao fato da terra retribuir o trabalho que ela realiza ao dar frutos. Isso gera em Mãe-da-lua o sentimento de prazer e orgulho por ser agricultora.

### 3.4 O que motivou a luta pela terra

Na maioria dos depoimentos, os entrevistados afirmaram que o principal motivo que os levou a lutar pela terra foi o desejo de tê-la para trabalhar. Além disso, citaram outras motivações como: o amor pela terra; a perpetuação da tradição familiar como agricultores; a possibilidade de autonomia; a vontade de sair da cidade e a falta de moradia.

#### 3.4.1 Amor ao trabalho na terra

O amor pela terra como motivação para lutar pode ser verificado nos

depoimentos de Tico-tico e Quixabeira, transcritos abaixo:

Eu quis vim, porque gostava da terra, n/é?... e sempre eu vim, n/é?... Causa da chance que eu tive, n/é? [...] Pra ver se consigo pra melhorar de vida porque eu num tô aqui pra... voltar do jeito que era **não**. (enfático) [...] trabalhava lá na indústria e trabalhava no sábado e no domingo no **roçado, na roça!** (enfático)

**Entrevistadora:** E o que fazia o senhor trabalhar na indústria, n/é, e, ao mesmo tempo trabalhar na roça?

Aquilo ali é porque eu gosto da roça... n/é?

**Entrevistadora:** O senhor gosta da roça?

**Gosto!** (enfático) A gente só faz coisa que gosta, n/é? Tava lá porque precisava na indústria...

**(Tico-tico, sexo masculino, 62 anos)**

**A terra!** (enfático)

**Entrevistadora:** A terra?

Sim, a terra pra trabalhar, a terra pra cuidar... criar, que eu **gosto muito** (enfático)... mas... por outras coisa **não!** (enfático) Eu num vim com interesse de verba, num vim com interesse de... de tomar terra, de... me acabar por terra **não!** (enfático) E só... meus bicho que eu tenho muito amor e meu roçado, que eu gosto **muito** (enfático) duma roça...

**Entrevistadora:** Gosta muito de uma roça?

**Adoro** (enfático).

**(Quixabeira, sexo feminino, 42 anos)**

No depoimento de Tico-tico percebemos que a relação que ele tem com a terra é muito intensa e que sua vida é marcada pela pluriatividade do trabalho do camponês, pois exercia o trabalho urbano e o trabalho no campo ao mesmo tempo. Ele explica que trabalhava na indústria para poder suprir suas necessidades, já o trabalho na terra ele fazia (e faz) porque tem prazer. Ao falar que veio para o assentamento para melhorar de vida, afirma que quando trabalhava na indústria sua vida não era boa, porque é do trabalho na terra que ele gosta.

Já Quixabeira enfatiza que o valor que a terra tem não está relacionado ao dinheiro. A partir do seu discurso, podemos inferir que, para ela, a terra tem um valor que excede aos bens materiais, pois o que ela valoriza mesmo é o *contato* com a terra e com os bichos que gosta de criar.

Esse amor pela terra como motivação para a luta corrobora um aspecto importante apontado por Velôso (2001), o de que para o camponês, as identificações que ele possui com o trabalho na terra são, muitas vezes, o que legitimam as motivações para que este enfrente a luta por terra.

### 3.4.2 A agricultura como tradição familiar

No depoimento de Lavandeira, Jurema e Mãe-da-lua, o que também aparece como motivação para a luta pela terra é a tradição familiar.

Assim... primeiro, o que me... me... me fez a viver na terra é porque eu... já fui, já vim de pessoas... de familiares que já viviam da terra, n/é?... meus pais já eram agricultores. Então eu estudei... estudei pouco... num tive condições de continuar meus estudo... então o que eu via eles fazer era trabalhar da terra, n/é?... trabalhar na terra.. com pouco que ganhava, como eu lhe disse... com todo **sacrifício** (enfático)... o povo **trabalha, trabalha** (enfático) o ano todinho, aí chega o final do ano, vende aqueles alimento pra comprar outras coisa porque... passa outras necessidade... mas, mesmo assim eu achava que tinha que viver daquilo ali e até hoje vivo disso aqui, n/é?...da terra.

**(Lavandeira, sexo feminino, 44 anos)**

Ah, o que me motivou nessa luta pela terra foi porque... antes eu... sempre fui agricultora, foi só o que eu conheci mesmo com meus pais... já veio deles... agricultura... é uma paixão, isso é uma paixão...

**Entrevistadora:** Uma paixão!?

Uma paixão pela agricultura...

**(Jurema, sexo feminino, 53 anos)**

O que motivou a lutar pela terra... é que foi assim: como eu sou filha... como eu sou filha de agricultor n/é? assim... uma casa eu tenho pra morar, a gente tinha... agora o espaço pra se plantar a gente não **tinha** (enfático)... que era uma espaço pequeno. Aí o que deu pra lutar por terra é que a gente ia ter, n/é? onde plantar mais e plantar **mais coisa!** (enfático) [...] E aqui o espaço é grande, n/é? [...] Penso de ficar aqui... porque tem os filho, vai botar os filho pra **trabalhar!** (enfático)[...] Daqui a alguns tempo a gente já num tá mais aqui aí vem os neto, os filho, n/é?... meu pai morava aqui, era agricultor, vamo fazer o mesmo... é isso aí!

**(Mãe-da-lua, sexo feminino, 42 anos)**

No depoimento de Lavandeira ela diz que “o que a fez viver da terra” como agricultora foi porque esse foi o trabalho que aprendeu com os pais. Outro motivo, foi não ter tido possibilidade de estudar. Desse modo, mesmo sabendo que a vida de agricultor é difícil, se submeteu aos sacrifícios desse trabalho e “vive da terra”. No depoimento de Jurema essa tradição de família é expressa na paixão que ela afirma sentir pela agricultura explicitando o prazer que sente com o seu ofício.

Mãe-da-lua, por sua vez, mostra o desejo de ter os filhos perpetuando o ofício da família, pois acredita que é assim que deve ser, nos permitindo inferir que essa identidade de agricultor tem que ser mantida e reproduzida. Ao afirmar que a

tradição familiar na agricultura influencia o modo de vida que levam, os depoentes, através de seus discursos, corroboram o que assinala Abramovay (1991, *apud* DONAT, 2006) sobre a importância da família para o camponês, sendo esta influência tão forte a ponto de promover a perpetuação de sua identidade como agricultores e, nesse intuito, se protegem das influências externas.

### 3.4. 3 Desejo de autonomia

A luta pela terra aparece ligada a um desejo de ter autonomia mediante a posse da terra de trabalho, como é possível observar nos depoimentos transcritos abaixo.

O que motivou foi isso mesmo que eu já vinha falando... eu sem terra... Eu tinha vontade de trabalhar, tinha vontade de me manter, viver quieto num canto, mas num **tinha terra** (enfático), então... quando eu ia trabalhar numa terra do outro... o caba exigia um bocado de coisa...[...] era caladinho todo mundo ali... “Cuidado porque o patrão ali, pronto...” ali era duro, cada um tinha uma **lei** (enfático)... nesse tempo era a história da lei do patrão. Então eu ia pra um... “Minha lei é essa”, e o outro também... cada um com as suas lei diferente e eu ficava ali feito um abestado. Ainda hoje pode se dizer que ainda existe esse tipo de lei... que ainda num tem regulamento no campo rural... hoje é o que o povo tá se unindo, se ajuntando pra ter sua terra porque aí vai ser uma lei geral porque... quando o caba bota uma pessoa pra cultivar a terra dele, ele inventa uma lei... “Minha lei agora é essa”, pronto. E... o meu motivo foi isso, me engajar nesse movimento... movimento mais forte, n/é... o **MST** (enfático), tal, aí... vamo agora! (risos) [...] (risos) aí tamo aqui agora (falou rindo).

**(Pereiro, sexo masculino, 82 anos)**

Aí assim: a gente sempre trabalhou muito, fazenda muito grande, mas sempre nas fazenda dos **outro**, nunca tinha assim pra dizer... **“É da gente!”**(enfático)

**Entrevistadora:** Você sempre teve vontade de ter um sítio!?

É... pra gente puder plantar produzir... aí aqui foi... um **presente de Deus!**(enfático) (risos)

**Entrevistadora:** Um presente de Deus!?

Foi. [...] É... o que ele [se refere ao próprio pai] botou, começou na terra dos outro, “Eu quero fazer na **minha** (enfático)” e... se ele num tivesse tão velho, ele faria comigo... mas num **dá!** (enfático)... agora tá velhinho... (falou chorando)

**(Caatingueira, sexo feminino, 38 anos)**

É, eu plantava em terra dos outro, sabe? [...] Aí como bem você... é... Aí paga um rendo de milho, feijão... e hoje graças a Deus eu sei que eu num vou pagar porque o que eu produzir vai ser só pra mim. [...] Aí hoje graças Deus eu tô ganhando meu... eu tô me sentindo muito

orgulhoso, até dos meus filho... minha vida é essa, a **agricultura** (enfático) e eu tenho fé em Deus que se se eu morrer... já meus filho são agricultor e daí vem pra filho, pra neto, bisneto...esse negócio de agricultura já vem de família n/é? graças a Deus, **nunca pensei em sair!** (enfático)

**(Azulão, sexo masculino, 54 anos)**

Aí eu vou experimentar, eu vou... vou experimentar uma parte de... aqui desse terreno, agora o **mais importante daqui** (enfático), que a gente viemo... realmente eu mesmo, eu vim acompanhando o... o MST pra pegar um pedaço de terra, pra eu trabalhar por minha conta própria, que eu **nunca gostei** (enfático) de trabalhar pros outro não.

**(Garrincha, sexo masculino, 63 anos)**

Pereiro, ao falar sobre o que lhe motivou na luta pela terra, se coloca como sujeito que, junto ao MST, se uniu aos demais trabalhadores para assim lutarem pela conquista de suas terras, porque vivia uma situação difícil, trabalhando em terra alheias, o que o obrigava a se submeter às leis do patrão. Caatingueira também foi movida pelo desejo em produzir em sua própria terra, e não na terra dos outros, a terra para ela foi uma dádiva de Deus. No depoimento de Azulão, a identidade aparece relacionada ao orgulho de ser agricultor e ao desejo de que sua família mantenha essa tradição. Ao se referir sobre o que motivou à luta, é muito marcante também o desejo de produzir para si próprio, em sua terra, o que elimina a submissão às condições de trabalho praticadas anteriormente em terras dos outros. Quanto ao depoimento de Garrincha, esse sintetiza o que aparece em todos os outros, que é o desejo de ter a terra porque não gostava de trabalhar para os outros.

Em relação ao desejo de autonomia, conforme Velôso (2001), o camponês deseja ter a liberdade porque valoriza o “trabalho para si”, em detrimento do trabalho em terras alheias que é visto por ele como obrigação e exploração. Sendo assim, trabalhar para si significa o desejo de realizar o trabalho no campo com autonomia, “libertando-o” do sofrimento da condição de trabalho anterior à mercê de um patrão.

#### **3.4.4 A terra pra trabalhar: uma saída diante do sofrimento da vida na cidade**

Nos depoimentos que seguem percebemos que o trabalho na terra aparece como a possibilidade de sair da zona urbana:

[...] sempre tava no meu sonho, era ter um pedaço de terra só pra **mim** (enfático).

**Entrevistadora:** Era seu sonho!?

Era o meu sonho... [...] O que me motivou foi... como eu já disse a tu, é porque eu num tinha terra e antigamente eu tinha vontade de ter um pedacinho de terra, n/é? Aí foi isso, eu entrar e **lutar** (enfático) pra ter um... viver no meu canto sossegado e poder criar meus filho também, n/é?... sair da... de dentro das droga... que a pessoa que mora em cidade só ver isso.[...] Na cidade a gente cria dois, três filho, a gente só cria com medo de uma dia ver eles ir crescendo e aprender essas coisa, n/é? E assim, dentro da terra, dentro dum mato desse, dessa terra aqui que nem nós tamo aqui... sem ter essas **coisa** (enfático), eles vão aprender outras coisa mais gostosa, n/é?... aprender a **trabalhar** (enfático), aprender a pegar uma água, a cortar um pau, a plantar uma maniva...

**(Seriema, sexo feminino, 48 anos)**

Não tô aqui pra dizer **não** (enfático), é pela terra? É pela uma casa? É pelo governo? **Não**... quando eu vim pra cá eu tinha um objetivo: morar em área de assentamento... E um dia eu produzir! Não **foi** (enfático) pela beleza da terra, porque eu nasci da terra e sou **filha** (enfático) da terra. [...] Bom, eu morava em Recife há 22 ano, só que a vida de lá num tem nada a ver com a vida do sítio, principalmente pra mim porque....a violência...o dinheiro é **bom, mas atrapalha!** (enfático) Num adiantava ter dinheiro no meu bolso, mas eu num era feliz, eu num me sentia **bem!** (enfático)[...] mas eu num **tinha liberdade!** (enfático)[...] Eu que fui criada assim n/é? vivendo e pisando no chão, na terra, n/é? Ôxe, tu é doido, homem?... Quero não [...] eu digo a você, que o caba tá lá, mas um dia ele volta pra terra [...] **tinha** (enfático) um objetivo: morar na Paraíba, foi vim trabalhar na terra![...] e eu num quero criar minha filha dentro da cidade grande, não quero!

**(Baraúna, sexo feminino, 39 anos)**

[...] **o emprego n/é? Num é hoje nem amanhã...**(enfático) [...] às vezes acontece de trabalhar seis mês, às vezes num dá certo com os encarregado... às vezes mesmo com o engenheiro, num **dá certo** (enfático), eles bota o cara pra fora, a pessoa passa dois, três... dois, três mês parado como acontece muito... com muitos que trabalha de empregado, que eu já trabalhei de empregado já sei... [...] E aqui a gente trabalha direto [...] **todo dia** (enfático) bem cedo o caba **tem o que fazer** (enfático). Dentro da terra é seguinte: num é como na... na rua, quando o caba tá trabalhando de empregado tudo bem, e quando num tá às vezes passa uma semana ou duas [sem trabalhar] nessa época eu trabalhava de pedreiro... E aqui, graças a Deus, todo dia tem um pé d'água, pra quem gosta de trabalhar.

**(Garrincha, sexo masculino, 63 anos)**

Seriema se coloca como quem sempre sonhou em ter terra. Este foi o motivo principal que a fez se inserir na luta, no entanto, outra de suas motivações foi o desejo de evitar manter os filhos no contexto da violência que caracteriza a zona urbana, desejando que os filhos sejam criados na terra para aprender a trabalhar ao invés de se envolverem com drogas. Baraúna também foi motivada porque desejava sair da cidade e trabalhar na terra para criar a família na zona rural. A sua posição

identitária mais marcante é a de quem deseja viver a liberdade da qual não usufruía na zona urbana devido à violência e à falta de identificação com aquele contexto. Assim, ela relata o mal estar que sentia na cidade, e, por isso, o desejo de um dia voltar para o meio rural, que é a sua origem sócio-cultural. Quanto ao depoimento de Garrincha, pode-se ver a sua preferência pelo trabalho rural em detrimento do trabalho urbano, sugerindo que no meio rural há melhores condições de trabalho porque não há riscos de ficar desempregado como na zona urbana. Aqui está expresso o desejo do assentado pela autonomia, uma vez que trabalhar na terra para si garante a ele desenvolver sua atividade ao seu modo, sem estar sujeito à lei do patrão, como antes, nem a violência das cidades.

Costa (2004, p.183), ao se referir aos sujeitos que abandonam a cidade em busca de terra, afirma que “a volta do trabalhador rural à terra do assentamento é idêntica ao retorno à raiz da terra”, uma vez que essa consiste em uma forma de fertilizar a identidade que estava antes fora da terra.

#### 3.4.5 Falta de moradia

A falta de moradia também aparece no depoimento dos assentados como o que os motivou a lutarem pela terra, como podemos verificar no depoimento de Juazeiro:

Porque eu num **tinha** (enfático)... terra, num tinha aonde **morar**. **Lutei, lutei, lutei** (enfático) quarenta ano no volante de um caminhão no meio do mundo trabalhando pra os outro e criar minha família... e terminei sem **uma casa pra morar** (enfático)... Então eu... o que motivou foi isso.

**(Juazeiro, sexo masculino, 78 anos)**

Juazeiro constrói a imagem de quem trabalhou muito ao longo da vida e que foi motivado a lutar pela terra, não apenas porque não tinha terra, mas porque não tinha um lar, sendo nesse caso, a terra um lugar que acolhe, abriga – a terra é tudo!

A partir das colocações de Ciampa (2001) e Veloso (et al., 2009) sobre identidade pode-se perguntar: quais são as posições identitárias assumidas pelos assentados a respeito do que é ser agricultor? Percebe-se através dos depoimentos que essas identidades se constroem num processo dinâmico e que se definem a partir do próprio fazer, a agricultura. Por isso que o trabalho na terra é fundamental na constituição dessas identidades.

Outra questão a ser assinalada, a partir das contribuições teóricas de Bauman (2005; 2008) e Hall (2006; 2007), é até que ponto o modelo de sociedade capitalista atual, com suas transformações, por exemplo, na esfera do trabalho, tem interferido na identidade e no modo de vida do agricultor, uma vez que as construções identitárias aqui encontradas aparecem em pesquisas realizadas nos anos de 1980 e 1990 como, por exemplo, a pesquisa de Velôso (1990). Nesse aspecto, Moura (1986), aponta que, através da maneira que vivencia o trabalho e ensina à família, o camponês consegue ainda ter mais autonomia diante das influências da sociedade, o que evita muitas transformações nos seus valores culturais.

## CAPÍTULO IV

### SEM TERRA E MST: DESENCONTROS ENTRE A REALIDADE CONCRETA E A IDEALIZAÇÃO POLÍTICA

A construção da identidade dos assentados a partir dos depoimentos orais sobre o que é o MST e sobre o que é ser sem terra foi um dos objetivos específicos desse trabalho. Sendo assim, esse capítulo se propõe a discutir sobre as concepções dos assentados acerca do que é o MST e o que é “ser sem terra” e, por isso, encontra-se dividido em dois itens: “*O MST: movimento de apoio, de impasse ou ainda invisível?*” e “*SemTerra: uma identidade negada e recontrada*”.

#### 4.1 O MST: movimento de apoio, de impasse ou ainda invisível?

A concepção dos assentados sobre o MST apareceu de forma heterogênea nos depoimentos orais, sendo situada ora como instituição que contribui para que os Sem Terra conquistem a terra, ora como movimento corrupto, ora como algo desconhecido para os assentados. Para uma melhor compreensão, subdividimos o texto da seguinte forma: 4.1.1 *Órgão de apoio aos trabalhadores rurais*, 4.1.2 *Conflito entre assentados e mediadores*, 4.1.3 *MST: Um desconhecido de muitos*.

##### 4.1.1 Órgão de apoio aos trabalhadores rurais

O MST é compreendido como órgão de apoio ao agricultor que, tanto no processo de conquista da terra quanto na solução dos problemas cotidianos, representa a luta e necessidade cotidiana do trabalhador rural. Esse aspecto pode ser observado nos depoimentos de Canário, Jurema e Caatingueira, descritos abaixo:

Olhe, o MST... que nem eu venho... muitas veze eu converso com os... o MST é tipo um órgão de apoio.

**Entrevistadora:** Um órgão de apoio!?

É, eu acho assim. (pausa) porque olhe só... a gente... o MST ele praticamente toma a frente ... e te **incentiva**... (enfático)

**Entrevistadora:** Sim, vem incentivar!?

Tá entendendo? ... ele num te maltrata, ele vem te incentivar... eu acho assim que ele é um órgão nesse sentido, entendeu? Porque ele vem pra te **ajudar** (enfático)... num é? [...] Num sou contra não, eles faz o trabalho deles e... até que eu gosto do trabalho deles.

**(Canário, sexo masculino, 39 anos).**

[...] Olhe, eu acho que o MST é os **braço** (enfático) do INCRA porque... sem o movimento, o MST... A gente num chega lá não porque o INCRA **bota** (enfático), ele abre o caminho...[...] pra gente entrar na terra... mas que se num tiver o movimento sustentando, orientando é... levando nossos apelo [...]...quem vai falar pela gente? **O movimento!** (enfático) [...] é apelar pra eles que eles... consegue pra gente... é isso.

**Entrevistadora:** A senhora sabe dizer mais alguma coisa sobre o que é o movimento?

E eu... sei lá, eu tenho um, um, um... assim um máximo de respeito pelo movimento porque sem o movimento... jamais um sem terra chega lá na terra do INCRA e se **assenta** (enfático).

**Entrevistadora:** Jamais se assenta sem o MST!?

Eu acho que **sim**, porque se fosse depender só do INCRA era muito cansaço. [...] hoje o INCRA tá trabalhando com mais rapidez ... e como eu te falei... o movimento ajuda **muito, muito** (enfático), é os **braço** (enfático) do INCRA, ajuda **muito** (enfático).

**(Jurema, sexo feminino, 53 anos).**

Eu acho que... **o MST** (enfático) assim é... eu acho que eu posso dizer que é o...o **amigo** (enfático) do agricultor.

**Entrevistadora:** O amigo do agricultor!?

É, porque tem **muita** (enfático) coisa que o agricultor em si... **não resolvia!** (enfático) Se dependesse só... da gente, n/é? [...] Eu acho que não se resolveria... porque a gente é... leigo em certas coisa, n/é? ... num tem certas experiência... e eles **ajuda muito** (enfático) nisso, n/é?

**Entrevistadora:** Em que sentido? Você poderia contar assim como é que eles ajudam?

Eles **ajuda muito** (enfático) assim... num tem um... porque eles **adere** (enfático) a causa, n/é?... do agricultor em melhoras, tipo de crédito... vem um crédito, às vezes a gente num sabe como se reunir e vai lá pra reivindicar... [...] Eles, n/é? Eles dá instrução... a gente vai, reivindica... eles tão sempre **lado a lado** ali com a gente, n/é? Então MST, INCRA, governo federal, governo estadual... eu acho que tudo se torna uma parceria só, n/é?... porque se num for... num vai num anda, num sai do canto... **eu acredito, eu sou a favor do MST...**(enfático)

**(Caatingueira, sexo feminino, 38 anos).**

Canário afirma que o MST é um órgão de apoio que ajuda os assentados, dando incentivo e fornecendo orientações. Além disso, ele acrescenta que o MST não maltrata, mas ajuda. A frase “não sou contra, eles faz o trabalho deles” indica que a identidade aqui construída é de quem não tem sentimento de proximidade com o movimento e, embora ele fale que o MST ajuda, não há evidências consistentes de que ele realmente se sente ajudado, ao invés de maltratado pelo MST.

Quanto à Jurema, ela afirma que o MST “é os braço do INCRA”, e assim,

vincula o MST ao Estado e situa o movimento como um auxílio às ações do INCRA. Para ela, o assentado não resolve nada, nem conseguiria se assentar sem o apoio do MST, pois precisam do movimento para intermediar a resolução dos seus problemas junto ao INCRA. Nesse caso, Jurema constrói aqui a identidade de assentada que precisa do apoio do MST para intermediar as necessidades dos assentados junto ao INCRA, situando o MST como um grupo que escuta e “abraça” os apelos dos assentados.

Caatingueira também constrói uma identidade de quem se sente ajudada pelo MST, concebendo-o como o amigo do agricultor que está ao lado, orientando e reivindicando junto com os agricultores em prol das resoluções dos problemas.

Tanto no depoimento de Jurema, quanto no depoimento de Caatingueira, percebe-se que ambas se sentem ajudadas pelo Estado e pelo MST, o movimento é concebido como próximo do agricultor, sendo “o braço” e o “amigo”. Assim, aparece o sentimento de interdependência entre o grupo representado (trabalhadores) e o grupo que representa (MST) como aponta Moreira (2008), pois, para os depoentes, o MST é quem ajuda, intercede pelos assentados, e assim, os assentados são representados por estes, mas não fazem parte do movimento.

Nos depoimentos de Baraúna e de Pereiro, abaixo, essa separação entre representados e representantes fica mais tênue.

Bom, o MST pra mim é... nós **todos!**(enfático)

**Entrevistadora:** Nós todos?

A partir do momento que você entra numa área de assentamento... eu acho que o MST num define três, quatro, cinco pessoa **não** (enfático), o movimento somos nós que tamo na luta, somos nós que tamo naquela terra... Num é?

**Entrevistadora:** Quem tá na luta!?

Quem tá na **terra** (enfático)... Esse é o movimento!

**(Baraúna, sexo feminino, 39 anos).**

O MST é um movimento dos trabalhadores, n/é? [...] MST já sabe... é um movimento dos trabalhadores, ... os trabalhadores da classe... os trabalhadores rurais é uma classe, n/é? [...] Pronto, pra mim o MST é isso... é um grupo de gente em... **todo, todo mundo** (enfático)... é que nem a história que diz... um por **todos** (enfático) e todos por **um** (enfático)... os trabalhador rural é isso, n/é?, são unido nessa parte... pra adquirir aquilo que eles querem... a terra, a liberação da terra e outras coisa que... que venha a acontecer... pra mim o MST é isso. [...] Pra mim é uma coisa de muito valor porque... é o próprio trabalhador junto com os outro... uniu todo mundo, pronto... é um grupo, é um bloco de gente que reconheceu sua classe e... agora tá **lutando** (enfático) pelos seus **direito** (enfático).

**(Pereiro, sexo masculino, 82 anos).**

Diferentemente dos depoimentos anteriores, o discurso de Baraúna não situa o movimento como algo externo à realidade dos assentados. Ao contrário, afirma que o MST é um movimento formado por todos os assentados que lutam e vivem na terra, colocando-se assim, como pertencente ao MST.

O depoimento de Pereiro deixa mais claro a concepção do MST como órgão de classe. Para ele o MST é constituído pelos trabalhadores rurais, e assim, a sua posição identitária é a de um trabalhador rural que tem consciência da sua classe e faz parte do MST para se unir e lutar por terra, por seus direitos, juntamente com os demais trabalhadores.

#### 4.1.2 Conflito entre assentados e mediadores

Nem todos os assentados demonstram neutralidade ou satisfação com a presença do MST no assentamento, e aparece, implícita ou explicitamente, a insatisfação, como podemos ver nos depoimentos de Tico-tico e Juazeiro, transcritos abaixo:

**Entrevistadora:** E nesse aspecto assim, o que é o MST pro senhor? O MST é o seguinte, ele sempre dá uma força pro povo, n/é?... Pra **nós, agricultor** (enfático) n/é?... Ele vai **buscar** (enfático) umas coisas pra gente...entendeu? É uma força que ele dá sempre, quando uma coisa tá enganchada, ele vai e desengancha.[...]

**Entrevistadora:** Ele vai e desengancha!?

É..., ele vai e dá uma força, n/é? [...] Tem que ficar com eles... É o **jeito** (enfático),n/é?

**Entrevistadora:** Tem que ficar com eles mesmo!?

É por causa que, eles, eles que... que faz a **força** (falou enfaticamente),n/é?... que faz a força.. N/é isso aí? Que procura tudo... as coisa, ajeitar as coisas, aí... a pessoa tem que ficar com **eles mesmo, é o jeito** (enfático), n/é?

**Entrevistadora:** É o jeito...

Simplesmente num... num é assim pra ser... **mesmo** (enfático). Quando eles pega o... quando eles pega esse... negócio, eles num tem que tomar conta,n/é?... num é isso mesmo?... O MST tem que tomar conta, porque outra pessoa num **quer tomar conta** (enfático)... se for através do INCRA... aí vai demorar **muito** (enfático), é muito lento, é uma coisa muito lenta mesmo [...] É..., é muito lento, as coisa muito lenta... aí eles sempre dão uma palavra, uma coisa, através de... dum... dum... de uma palavra... dum...de uma palavra eles consegue alguma coisa pra gente.

**Entrevistadora:** Hunrrum... O senhor poderia contar assim o que eles conseguiram?

Não, eu num vou contar não, por causa que... eu num... num... num... coisa que eu... num vou contar em **detalhe** (enfático), só vou dizer que eles ajuda, n/é? [...] Uma ajuda que uma pessoa dá... uma ajuda

que uma pessoa dá a outra, mas eu num vou contar por detalhe. [...] Só sei que ele ajuda, ele num atrapalha, n/é?... ajuda. Entendeu!? [...] Que eu tô aqui num é pra prejudicar nem um nem outro, tô aqui só no meu **canto** (enfático) como agricultor em meu setor... já tô no meu setor já, através de... através do... do INCRA já tô no meu setor... aí eu num quero mais....

**(Tico-tico, sexo feminino, 62 anos).**

Eu, quer dizer assim, que eu num entendo bem **não** (enfático). É um movimento que foi criado, disse que foi por Lula pra o seguinte... **liberasse** (enfático) as terra dos latifundiário que devia ao governo as terra desapropriada [...] Então o MST veio pra se juntar com o pessoal que se interessasse a terra [...] A **melhor coisa do mundo** (enfático) que o governo pode fazer aqui... dentro de todos sem terra pra desapropriação de terra é tirar o MST do **meio** (enfático).

**Entrevistadora:** Tirar o MST!?

Do meio. [...] Porque a ganância do movimento aqui é só por **dinheiro!** [...] Num é outra coisa, **não** (enfático). [...] Porque se vem dinheiro... **muito** (enfático)... pra gastar dentro dos assentamento mandado pela reforma agrária, moça, **ele fica no meio do caminho** (enfático)[...]. e nós num podemos fazer **nada** (enfático)... o pior é que ninguém pode dizer nada.[...] Meus ideais é o seguinte... que a pessoa viver num canto desse.... ele tem que viver **unido** (enfático)... uns com os outro pra ajudar uns os outro. Coisas errada num aceitar dentro do, do... cinquenta família que tem aqui dentro... e... é o que mais a gente ver aqui dentro.

**(Juazeiro, sexo masculino, 78 anos).**

Tico-tico não assume diretamente a sua antipatia pelo movimento, mas isso se torna mais explícito na contradição do seu discurso. Primeiramente ele afirma que o MST ajuda e dá uma força para os assentados, mas, ao mesmo tempo, não consegue citar uma ajuda conseguida pelo MST. Ele ainda se contradiz, dizendo que o MST não era para tomar conta do assentamento, mas que só tem eles para ajudar, então “tem que ficar com eles mesmo, é o jeito!” Assim, percebe-se que Tico-tico se sente incomodado com a presença do MST, mas parece ter medo de falar abertamente sobre isso, como se fosse um assentado que quer garantir o seu lote e, assim, sente-se obrigado a concordar com a presença do movimento.

Já Juazeiro declara, com convicção e muita exaltação, a sua insatisfação com o movimento, fazendo uma grave acusação de que o movimento é corrupto, rouba o dinheiro que vem do Estado para os assentados, sendo por isso um movimento que não está a favor do povo. Diz, inclusive, que quem criou o MST foi Lula. Para Juazeiro, o governo e o INCRA deveriam retirar o MST do processo de Reforma Agrária, pois este só se aproveita dos assentados e não respeita suas decisões e necessidades. Juazeiro demonstra uma grande frustração, pois mediante uma

posição identitária baseada em princípios como a ajuda ao próximo e a união, vivencia situações em que se sente enganado e, ao mesmo tempo, impotente diante dos procedimentos do MST no assentamento.

Além da grave acusação, esse depoimento demonstra as dificuldades do MST em estabelecer um diálogo de forma que seja, no mínimo, respeitada a autonomia dos assentados e possam ser esclarecidas as suas intervenções no assentamento. Como afirma Donat (2006, p. 95), “isto mostra a distância que existe entre as propostas trazidas pelos mediadores e aquilo que os assentados desejam realizar de acordo com seus interesses pessoais e coletivos, bem como de seus projetos de vida”.

A dificuldade na relação entre os assentados e os militantes do MST sempre foi um dos problemas vivenciados no assentamento Pequeno Richard e que o grupo de extensão há muito tempo vem observando. No diário de campo da pesquisa, registrei alguns acontecimentos que também demonstram as queixas dos assentados com o MST. Durante a realização de um dos depoimentos orais, que foi perdido por problemas técnicos como já explicitado, um assentado, que eu chamo de Sabiá, falou com muita revolta acerca do MST, afirmando que o movimento interfere em tudo, tirando-os a possibilidade de decidir sobre o assentamento. Ele acrescentou que os militantes ainda ameaçam retirar do assentamento aquele que discordar, obrigando-os, desse modo, a aceitar a sua presença, por isso que a maioria dos assentados, embora discorde, fica calada. Ao denunciar isso, o assentado Sabiá se coloca como aquele que se rebela e reivindica pelo fim da opressão que afirma ser vivenciada no assentamento.

Essa “opressão” de que fala Sabiá foi observada em algumas situações durante a pesquisa na forma de receio em prestar depoimento por medo de serem prejudicados, principalmente nos casos de depoentes com os quais eu não tive muita convivência durante o período do trabalho de extensão. Vou aqui relatar dois casos: O caso de Curió e o caso de Pintassilgo, assentados que eu nunca havia visitado no lote.

No caso de Curió, “quando eu cheguei à casa, me apresentei como uma das extensionistas que há um tempo fazia um trabalho no assentamento e que, naquele dia, estava lá para realizar uma pesquisa com os assentados. Então, antes mesmo de eu explicar sobre a pesquisa, ele foi logo perguntando se a pesquisa não ia lhe prejudicar, o que afirmei que não porque, sobretudo, ia ser mantido o sigilo dos

depoentes, então foi aí que ele aceitou participar” (Trecho do diário de campo). No caso de Pintassilgo, ele não concordou com a participação na pesquisa, afirmou que não queria falar nada para não se comprometer e correr o risco de perder o lote.

#### 4.1.3 MST: um desconhecido de muitos

Um fato interessante observado na pesquisa é que há depoentes que não possuem um conhecimento consistente ou dizem não ter nenhum conhecimento a respeito do MST, como pode ser observado nos depoimentos de Beija-flor, Garrincha e Juriti abaixo:

Como ele falou, n/é? [se referiu ao marido]... é um movimento social... e... pessoal que luta pelas pessoas que num tem terra, n/é? [...] Eu acho que é isso. [...] agora aí eu num tô... num... num... num... num tô bem lembrada do que que significa o MST, assim porque acho que é... movimento, n/é?... movimento da... da... da... do... da... do... dos assentamento, pode ser isso, n/é? também, n/é?

**(Beija-flor, sexo feminino, 51 anos)**

**Não** (enfático), do MST eu num entendo muito **não** (enfático)... eu já tenho assistido muita reunião, mas do MST eu num... num... um entendo muito deles, **não!** (enfático)

**Entrevistadora:** Não!?

**Não** (enfático). Porque tem muita... assisti muita reunião, mas num entendo muito **não**... Pra falar a verdade, num entendo muito **não!** (enfático)

**(Garrincha, sexo masculino, 63 anos).**

Hum... esse negócio aí, num... num sei não...

**Entrevistadora:** Não sabe não, n/é?

Não.

**Entrevistadora:** Unrrum... a senhora não sabe nada sobre!?

Esse... esse negócio de... de... esse negócio n/é comigo não. Que eu nunca buli, nessas coisa não.

**Entrevistadora:** Sei... nunca ouviu falar!?

Nunca tinha ouvido falar não **(Juriti, sexo feminino, 64 anos).**

Beija-flor parece não ter convicção ao falar do MST, mas afirma ser um movimento social que luta pelas pessoas que não têm terra. Garrincha afirmou apenas que não tem conhecimento a respeito. Quanto à Juriti, como se evitando falar muito, em poucas palavras ela diz que não sabe o que é o MST e justifica sua falta de conhecimento porque nunca teve envolvimento.

Como já explicitado no item 4.1.2, percebemos uma aparente aversão de alguns assentados ao MST, sendo este fato observado já no trabalho do projeto de

extensão. Portanto, não podemos afirmar seguramente se os depoentes dos relatos acima transcritos, de fato não sabiam nada sobre o movimento ou se não falaram porque, de alguma forma, se sentiram intimidados.

#### 4.2 Sem Terra: uma identidade negada e reencontrada

Nos depoimentos da maioria dos entrevistados, a nomeação “ser sem terra” diz respeito apenas à realidade concreta de quem não tem terra. Inclusive, muitos acrescentam que, por já estarem assentados, deixaram de ser Sem Terra, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

[...] O que é Sem Terra, ser Sem Terra pra mim?...(risos) eu num sei explicar, isso daí eu num sei explicar não, viu?... porque... o povo diz “sem terra”, mas nós num **somo** (enfático) sem terra... mas agora eu penso que nós num **somo** sem terra, porque antigamente nós num tinha terra pra trabalhar... aí por isso, aí dizem “os Sem Terra”... que vivia na rua vagabundando, num tinha terra pra trabalhar, e hoje tem. É a única explicação que eu tenho pra dar é essa  
(**Seriema, sexo feminino, 48 anos**).

Sem terra... Sem terra é uma pessoa que num possui terra. n/é? Se o cabra não possui terra, é um sem terra. Mas se o cabra tá cheio de terra já, nós já não é mais sem terra mais, nós **somo** um assentado já. [...] Nós não **somos** mais sem terra, nós **somo** um **assentado** (enfático)...  
(**Tico-tico, sexo masculino, 62 anos**).

Sem terra é aquele que num **tem nada** (enfático), eu era um sem terra. [...] Hoje eu num **sou** sem terra.[...] Hoje eu sou um assentado da reforma agrária, me sinto orgulhoso tendo porque eu sou muito orgulhoso, eu sinto muito orgulho em dizer: “Hoje eu sou um assentado da reforma agrária!” porque tem gente que diz: “Sem terra, lá vem o sem terra!” **não** (enfático), eu num me considero como um sem terra, eu me considero hoje um... um “**com terra**” (enfático), eu **tenho** (enfático) terra hoje!  
(**Azulão, sexo masculino, 54 anos**).

Seriema, ao falar sobre o que é “sem terra”, apresenta a posição identitária de quem vivia na rua vagabundeando porque não tinha terra para trabalhar, porém, sendo atualmente uma assentada, não se reconhece mais como “sem terra”. Tico-tico, por sua vez, conceitua o “ser sem terra” como aquele que não possui terra e também não se reconhece mais como tal, pois está assentado.

No depoimento de Azulão, também percebemos que ele não se vê mais como

um sem terra, porém, diferentemente dos outros dois depoimentos, ele não se assume como um assentado, mas como um “com terra” e, nesse ponto percebemos que ele se situa de acordo com o que afirma Costa (2004, p. 181-182):

A conquista do assentamento define um outro momento do processo de construção da identidade Sem Terra. Por exemplo, quando há a demarcação das terras, o sorteio e a entrega dos lotes às famílias, o governo passa a negar a estes sujeitos a denominação sem-terra, pois são considerados assentados rurais em lotes da reforma agrária, ou seja, são com-terra, segundo o governo.

Ainda de acordo com o autor, a maioria dos assentados continua se autodenominando Sem Terra, porém, esse fato não se confirma nos depoimentos acima. Podemos perceber que, aos poucos, os assentados estão se apropriando de sua nova identidade “Com Terra”, como podemos observar no discurso de Azulão. Por outro lado, a negação da identidade Sem Terra pode estar relacionada ao conflito em assumir para si uma identidade marginalizada pela sociedade, como aponta Almeida (2010). Na verdade, a posição de assentado para os depoentes parece ser justamente a forma como eles resgatam a cidadania antes negada e suprimida pelo estigma de “sem terra”.

#### 4.2.1 Sem Terra: em nome de todos que não têm terra

Em contraponto a todos esses depoimentos que relacionam o Sem Terra apenas à situação concreta de não possuir sua terra, há o depoimento de Lavandeira, abaixo, que problematiza o termo de forma mais ampla, remetendo o nome “sem terra” à questão política, tão idealizada e disseminada pelo MST.

Hoje, ser sem terra (pausa) ser sem terra é muita coisa, sabe? Primeiramente é assim... até a gente às vezes fica brincando, n/é? que a gente ganha a terra e continua sendo sem terra...(risos)... [...] um movimento que existe... luta pra que o agricultor possa ter mais um pedacinho de terra... porque... antes existia uma acumulação de terra muito grande, n/é?... **poucos** (enfático) com muita terra e muitos sem terra... [...]. Então por isso ainda hoje que continua mesmo a gente conquistando a terra mais a gente ainda fica como sem terra... n/é?...[...] **tenho terra, mas sou uma sem terra** (enfático)... n/é?(risos) Nesse sentido, porque a gente só pode dizer: **“Todo mundo tem terra!”** (enfático) quando... a gente vê que pelo menos... quarenta ou sessenta por cento dos agricultores tenha a sua terrinha pra produzir, n/é?...  
(Lavandeira, sexo feminino, 44 anos).

Lavandeira, ao falar do termo “sem terra”, afirma que o mesmo está relacionado ao grande número de pessoas que não tem terra no Brasil, em detrimento dos latifundiários. Ela se identifica como alguém que luta por aqueles que não possuem terra, e assume que, mesmo sendo uma assentada, continua sendo Sem Terra, pois, a seu ver, sua condição só mudará quando todo mundo tiver terra. Aqui, vemos confirmado o que diz Caldart (2001) e Dantas (2000, *apud* Costa, 2004) quando afirmam que o Sem Terra constrói sua identidade no processo de luta social e política.

#### 4.2. 2 Ser sem terra: o fracassado

Nos depoimentos de Juriti, Quixabeira e Jurema, abaixo, observa-se que o Sem Terra é concebido como aquele que não tem terra, sendo isso sinônimo de fracasso e de uma condição ruim.

**Entrevistadora:** Mas o que é ser sem terra pra senhora?... Hummm... sem terra... que é sem terra? O que é?

Num ter nada na vida. [...] na minha opinião é num ter nada.

**Entrevistadora:** Num ter nada?

Num ter um canto pra criar um bicho... num ter um canto pra criar uma galinha... num ter um canto pra poder plantar um pé de qualquer negócio, e dizer que tá na terra da gente. [...] É na terra dos outro... que na terra dos outros num se sabe, o dono chega: “Vá se embora hoje, que amanhã num lhe quero aqui”. [...] e só junta as malinhas e ir se embora.

**(Juriti, sexo feminino, 64 anos).**

**É ruim!** (falou enfaticamente)

**Entrevistadora:** É ruim?

É ruim... sem terra... sem terra é ruim porque.... é como se a gente num tivesse um teto pra morar assim... você **trabalha, trabalha, trabalha,** (enfático) mas aquele dinheiro só dá pra você se manter, nunca dá pra comprar um teto e dizer assim: “Isso é meu e isso aqui quem manda sou eu!” [...] É que nem a terra, se você num tiver aquela terra você num planta, num colhe, num faz **nada** (enfático), porque você num... num tem condições nem de comprar ela... eu acho que sem terra é assim, n/é? que a gente num tem condições.

**(Quixabeira, sexo feminino, 42 anos).**

Ser sem terra pra mim... **é um fracasso!**(enfático)

**Entrevistadora:** Um fracasso?!

**Um fracasso** (enfático)... já pensou... um sem teto, um sem terra... é um fracasso. Então, agora nós somo vitorioso porque nós num somo chamado sem terra, nós somo chamado assentados, n/é? e tem acesso à terra e...e... a morada, a terra que a gente tem o direito de... trabalhar e... cuidar da casa e trabalhar na roça. [...] Porque já

pensou um agricultor sem terra?! A gente quando entrou aqui... nós era uns **fracassado** (enfático) sem terra... entendeu? [...] Mas com a, a, a, a... a vitória da terra nós hoje somos chamado de **assentado** (enfático) e as pessoa olha pra gente... com **outro olhar** (enfático)...

**Entrevistadora:** E como é esse olhar de agora? E como era o de antes?

Ah! O de antes era crítica porque a gente... chamava a gente de invasor, de sem terra... hoje **não** (enfático), hoje graças a Deus nós somos **valorizado** (enfático), temos nossa morada, temos nossa... quer dizer, é nossa terra, n/é? porque é a terra do INCRA ele... ele deu essa chance pra gente, n/é? **É nossa terra!** (enfático)

**(Jurema, sexo feminino, 53 anos).**

Juriti identifica o Sem Terra como aquele que não possui nada, entendendo o *nada* o fato de não possuir terra onde possa trabalhar. Desse modo, é aquele que trabalha em terra alheia, vivendo na iminência de, a qualquer momento, ser expulso pelo dono. No depoimento de Quixabeira a identidade Sem Terra aparece como algo ruim, porque está relacionada à falta de condições para poder comprar um pedaço de terra e, assim, ter a possibilidade de trabalhar nela. Já no depoimento de Jurema, ela identifica o Sem Terra como um fracassado, que é sempre criticado e considerado, pela sociedade, como um invasor. Ao mesmo tempo faz referência ao fato de hoje ter terra, ter um lugar para morar. Constrói a identidade de vitoriosa, a posição social de assentada a tira da marginalidade advinda do preconceito.

Um aspecto fundamental no estudo da identidade é a forma como ela é estruturada. Almeida (2010), baseando-se nos estudos sobre a concepção de identidade de Woodward (2007), afirma que, no que diz respeito ao sem terra, os preconceitos sofridos por esse grupo social tem como uma das causas a própria situação concreta vivenciada por esse grupo, que é marcado por uma identidade ligada, socialmente, à falta de condições sociais e materiais.

Assim como nos depoimentos anteriores, outro fator citado é a discriminação com a qual a sociedade trata os sem terra, como podemos observar nos depoimentos de Bem-te-vi, Canário e Mãe-da-lua.

Ser sem terra, sem terra... pra mim num é nem sem terra porque tem tanta terra... é difícil uma palavra pra o caba dizer assim, chegar num canto aí dizem: “Espia, chegou os sem terra”![...] É muito **discriminado!** (enfático)

**Entrevistadora:** Discriminado!?

É, eu penso assim, n/é? porque muitos canto que a gente chega, aí dizem: “Chegou os sem terra!”, já julga logo como a gente sendo um **criminoso** (enfático)... tem gente que fica com **medo** (enfático)... quando diz “Chegou os sem terra”...

**Entrevistadora:** Com medo!?

Sim, muitos quando a gente chega fica com medo, chamando a gente de sem terra, n/é? [...] Eu penso assim, n/é?... a gente se sente um pouco discriminado...

**Entrevistadora:** Sente discriminado... e porque que as pessoas discrimina os Sem Terra? O que é que você acha?

Eu num sei... pra essa pergunta, **eu num sei responder não** (enfático).

**(Bem-te-vi, sexo masculino, 23 anos).**

Hoje, ser sem terra...olha, quando eu entrei... quando eu entrei **não** (enfático), quando **nós entramos** (enfático)... o que é que acontece... é...o pessoal **falava muito** (enfático)... “Não que sem terra é isso, sem terra é aquilo”... mas só que depois que a gente entrou, a gente viu que num é **nada disso** (enfático)... do que eles falavam.

**Entrevistadora:** O que eles falavam!?

Não, é porque eles falava: “Olhe... ser sem terra num **presta** (enfático) porque vai...tá ocupando fazenda de fulano, ciclano, vai tá... é...como é que o povo fala? ... vai tá **invadindo** (enfático)... [...] Só que: uma coisa é **invadir** (enfático)... é uma **coisa** (enfático)... num é? ...**invadir é uma coisa** (enfático)... e tando na lei eu acho que é outra coisa bem diferente, tipo quando a gente entrou aqui. [...] eu vim atrás de um... de uma terra **pra mim** (enfático)... pra mim plantar, trabalhar nela.... entendeu? ... não pra mim futuramente eu chegar... “Não, tome aqui por dois tões!”... **não** (enfático), isso aí eu num **quero** (enfático)! Tá entendendo? ... e muitos deles falava sobre o... os sem terra mais por conta disso. [...]

**(Canário, sexo masculino, 39 anos).**

Assim: antes de eu nem saber o que era sem terra, que... via o nome, n/é?... a gente conheceu ali o primeiro assentamento ali no Logrador onde a gente passava pra aí pra Campina, o povo: “**Sem terra** (enfático)!” Algumas pessoa dizia: “Nos sem terra só tem ladrão, só tem bandido, isso e isso”.[...] **Dava um medo** (enfático)! Que eu num vou dizer a você... num adianta eu... eu tô falando o que vem do coração, num tô falando só o que vem da minha boca. Quando a gente saía lá da onde a gente morava que era quarenta e cinco minuto... saia lá pra Djalma pra pegar o... eu tinha um pouquinho de medo, nem eu, todo mundo porque... era umas pessoa que a gente num conhecia...[...] E a gente sempre ficava, n/é?... e de tanto o povo falar sem terra porque... quando diz assim: “Sem terra” parece ser uma coisa **tão desvalorizada... no meu ponto de vista** (enfático)!

**Entrevistadora:** Desvalorizada!?

Sim, é porque dizem: “Sem terra”... é como se num tivesse valor nenhum... assim, como eu mesmo, n/é?... , mas aí quando... isso era... **antes** (enfático) de eu entrar, depois que eu entrei aqui eu vi que sem terra é **muito diferente** (enfático)...

**Entrevistadora:** Como é o sem terra?

Os sem terra é **bom** (enfático), desde que a pessoa saiba lidar um com o **outro** (enfático). Mas sem terra é bom. [...] Depois que eu entrei aqui pra dentro, me juntei com as pessoa que nunca tinha visto... pra mim todo mundo aqui é bom, eu falo com todo mundo, faço amizade com **todo** (enfática) mundo...[...] Depois que eu tô aqui dentro, mulher, eu vi que era **muito diferente** (enfático)... porque a

gente num deve julgar ninguém pelas aparência [...] E sou amiga de todo mundo... Mas a gente ver que as pessoa lá fora aonde a gente convivia já num **olha mais com aqueles olho** (enfático), como quem diz: “Fulano mudou”... **não** (enfático), eu num acho isso.  
**(Mãe-da-lua, sexo feminino, 42 anos).**

Bem-te-vi e Canário, em seus depoimentos, falam sobre o preconceito com o qual são tratados, sendo a identidade Sem Terra ligada á criminalidade uma vez que são vistos como invasores de terras alheias e que causam medo às pessoas. No depoimento de Mãe-da-lua também está explícito o próprio preconceito que ela tinha antes de ter contato com os Sem Terra. Assim, ela vivencia os dois lados da situação, pois, antes de se tornar assentada, ela pertencia ao grupo daqueles que demonstravam preconceito e concebia o Sem Terra como o que estava sempre à margem da sociedade. Porém, ao se integrar ao movimento, ela passa a ser alvo de preconceito como os demais e muda a imagem que tinha antes.

Como aponta Almeida (2010), muitos movimentos sociais, como o MST, são estigmatizados devido às influências e contestações da mídia que, movidos por interesses políticos e econômicos, acabam por exercer um poder simbólico e social na formação dessas identidades. Por isso, é a partir dessa representação do Sem Terra disseminada na sociedade, que o assentado, mesmo após residir no assentamento, continua sendo chamado de Sem Terra.

#### 4.2.3 Ser sem terra: uma identidade que pode ser bonita

Em contraponto a posição do Sem Terra fracassado e alvo de discriminação, há, em outros depoimentos, outra concepção sobre a identidade Sem Terra, a saber, a de que ser sem terra é bom, é ter terra onde se possa trabalhar, como podemos ver nos depoimentos de Baraúna e Garrincha abaixo:

O que é ser sem terra... é muito **bonito** (enfático) ser sem terra!

**Entrevistadora:** Muito bonito!?

Eu acho... Eu num me envergonho nem um pouco das pessoas dizer: “Ei, tu mora aonde?” e eu digo: **“Moro no assentamento!”**(enfático) E eu digo: “Mentira meu amigo, eu num sou sem terra não, eu tenho muita terra!...a gente só num tem o respeito ainda porque vocês não conhece. Se você passar a morar dentro de uma área de assentamento você vai ver que a imagem de lá fora de, de, de quem mora nos sem terra, que sem terra é muito diferente da realidade que mostra. Ser sem terra é você ter uma

chance, uma oportunidade na sua vida...de criar de viver uma vida normal, uma vida sadia.”

**(Baraúna, sexo feminino, 39 anos).**

Sem terra é o seguinte: a pessoa...os sem terra é porque...eu comparo assim, a pessoa num tem onde **plantar** (enfático), mora na rua (enfático) num tem aonde criar nada, nem **sequer** (enfático) uma galinha o caba pode criar (enfático) na rua. Pra... família num presta criar na rua que o... do jeito que tá o tempo, o tempo tá...violento **demais!** (enfático) [...] É mais aqui dentro da terra e... Aí o negócio de... se ser sem terra só é...o problema só era **esse** (enfático), mas graças a Deus tá com... já tem oito, completou sete ano, passou pra oito. A gente vinha nesse **sofrimento** (enfático)... Porque aqui é o... eu digo isso... “Os sem terra... é bom, o caba arruma um pedacinho de terra, mas o sofrimento é **grande...**”(enfático)

**(Garrincha, sexo masculino, 63 anos).**

No depoimento de Baraúna, aparece a valorização do Sem Terra diante do preconceito das pessoas, é bonito porque significa ter a oportunidade de ter uma vida digna. Percebe-se no depoimento dela que, diante do preconceito sofrido, ela tenta fortalecer a identidade de pertencer ao grupo social sem terra, mostrando isso como algo positivo. Há a tentativa de manter a “coerência interna” da identidade, mediante a discriminação que ela sofre (Almeida, 2010). Quanto a Garrincha, ele se identifica como sendo um Sem Terra no período em que viveu na zona urbana e não tinha onde morar nem onde plantar. Quando passa a fazer parte do grupo social Sem Terra, ele encontra uma possibilidade de ter terra e criar a família e muda sua concepção sobre ser “sem terra”, passando a considerar esta condição como algo bom.

Por fim, percebe-se que a identidade de Sem Terra está muito mais relacionada ao fato concreto de não ter terra do que a identidade Sem Terra ideologicamente divulgada pelo MST, o que aponta que os entrevistados parecem não ter uma consciência política sobre a luta pela terra. Eles não demonstram uma identificação com o MST.

## (IN) CONCLUSÕES

Reconhecemos que, diante da complexidade e da riqueza que há nos depoimentos orais, compreender e dialogar com as posições identitárias construídas pelos moradores do assentamento “Pequeno Richard” (Catolé de Boa Vista-PB) foi, por vários motivos, um desafio. Sendo assim, reconhecemos que iniciamos uma discussão e que as nossas análises trouxeram questões que esperamos que possa contribuir para o debate e reflexão em relação ao que é ser agricultor; ao que é trabalhar na terra; ao que é a terra; o que é o MST e sobre o que é o “Sem Terra”.

Primeiramente, é importante pontuar que os assentados constroem posições identitárias que estão diretamente relacionadas ao trabalho, à terra e à tradição. Assim, percebe-se que os assentados assumem uma imagem de si como agricultores, o que significa, de modo geral, trabalhar na terra, sendo essa identidade de agricultor a identidade mais forte e mais presente nos depoimentos orais.

Ter sua própria terra para trabalhar foi o que motivou a luta, sendo a situação de não ter “terra de trabalho” e ter que trabalhar em terra alheia, algo que já vivenciaram e que causava sofrimento, um dos motivos principais para participarem da luta. Para os entrevistados o trabalho do agricultor é concebido como sendo uma profissão, mas também como um ofício que não é fácil, porque exige muita luta e sofrimento, mas que também é bom e importante porque garante a subsistência; a liberdade (autonomia); a melhoria de vida; a construção de laços de amizade com os demais agricultores, além de garantir a manutenção da vida nas cidades.

Essa estreita relação entre o agricultor, o trabalho e a terra, denota um forte sentimento de ligação com a terra, que para eles significa tudo: é ela quem dá vida e sustentação, como também, é ela, “a Mãe natureza”, que cuida. Diante dessas referências identitárias que eles constroem sobre a vida e o trabalho do agricultor, eles também constroem uma imagem do trabalho e da vida na cidade.

Para os assentados a vida no campo é apontada como melhor do que a vida na cidade, significando para eles melhoria de vida por trabalhar no que gosta em detrimento do trabalho para os outros; liberdade; autonomia e qualidade de vida porque não há a violência presente na cidade e porque com o trabalho na terra não se corre o risco de ficar desempregado, como na cidade.

Outro aspecto relevante que apareceu nos depoimentos em relação ao que é ser agricultor, foi a identidade de agricultor concebida como herança familiar, como um ofício que se aprende porque é passado de geração para geração, enquanto filhos de agricultores que aprenderam esse ofício e desejam repassar aos seus descendentes.

Assim, percebe-se, a partir dos depoimentos, que a identidade de agricultor é construída em um movimento mútuo de realizar o ofício e, na mesma medida, ser realizado por ele. Nesse sentido, percebe-se que, a partir da situação atual como assentados, eles rememoram as experiências anteriores, em que não tinham terra e eram submetidos às leis de trabalho do patrão (na cidade ou em outras propriedades), como situações de humilhação, sofrimento, exploração. Já na situação atual aparece o prazer no e pelo trabalho e a identificação em ser agricultor. A ênfase dada a esse prazer é um convite à reflexão, uma vez que se, de um lado, ter vivenciado experiências negativas trabalhando para os outros pode ter contribuído para que eles valorizem ainda mais o trabalho no campo. De outro lado, essa ênfase pode estar vinculada ao receio de perder a terra, recentemente conquistada, caso não legitimem a necessidade da posse da terra.

A respeito das posições identitárias sobre o que é “ser sem terra” e o MST, o que se percebe é que, de uma forma geral, os assentados não construíram um discurso que remeta a uma concepção/consciência política. A construção identitária que fazem sobre o que é “ser sem terra” se apresenta apenas relacionada a duas situações da vida concreta: a situação de antes, ser sem terra porque não tinham terra; e a situação de ser assentado.

Ao se remeterem ao período em que viviam sem terra, constroem uma imagem de si como fracassados e pessoas que não tinham nada: nem terra nem prestígio social. No que diz respeito à falta de prestígio social, os assentados mostraram sentirem-se desvalorizados pela sociedade, a qual, segundo os próprios assentados, não tem uma visão que corresponda à realidade sobre “ser sem terra”, pois os relegam à condição de marginalizados.

Diante dos estigmas construídos pela sociedade, ao se afirmarem como não sendo mais sem terra e sim assentados, parece que os entrevistados constroem outra identidade que lhes permita fugir da marginalização sofrida.

Além dessas concepções pejorativas sobre o “sem terra”, há também uma transformação do sentido ligado a esse termo, porque há entrevistados que

relacionam o “sem terra” há uma possibilidade de ter uma vida saudável no campo e ter onde trabalhar, passando a ser um nome “bonito”. Há também uma entrevistada que relaciona a identidade Sem Terra à questão política, considerando o Sem Terra não apenas a partir do fato concreto da falta de terra, mas como um termo que sintetiza a própria luta social dos trabalhadores rurais Sem Terra. Assim, para a referida entrevistada, enquanto houver pessoas sem terra ela será “Sem Terra”.

Já em relação ao MST, os assentados não demonstraram uma identificação pelo movimento, o que confirmou as experiências que já vinham sendo observadas pelo grupo de extensão. Dentre todos os depoimentos, apenas dois assentados construíram um discurso que aproxima o MST de um movimento social de classe, formado pela união dos trabalhadores rurais em luta pelos direitos. Os demais tiveram posições heterogêneas: alguns falaram que eram ajudados pelo MST (concebido tanto como movimento social do trabalhador rural, quanto como órgão do estado), que os representa buscando os benefícios. Outros dizem que o MST é um desconhecido, o que se pode questionar se é porque não participaram de um trabalho educativo com os militantes durante o acampamento que lhes permitisse conhecer sobre o movimento, ou se é porque, por algum motivo, evitam falar do movimento.

Há também os entrevistados que demonstraram, implícita ou explicitamente, que não concordam e não toleram a presença do MST no assentamento, o que evidencia um conflito entre os assentados e mediadores, algo já observado no trabalho de extensão. Quanto a esse conflito, poderíamos supor que as intervenções do MST parecem interferir na autonomia dos assentados, autonomia essa que foi negada antes quando não tinham terra pra trabalhar – a tão sonhada e, supostamente, conquistada autonomia.

Desse modo, os conflitos advindos dessa relação entre os assentados e os militantes demonstraram ser um empecilho para uma maior mobilização dos assentados diante dos desafios que naturalmente já são impostos à vida do agricultor.

A partir do exposto, podemos dizer que há um aspecto da identidade que ficará muito mais como um questionamento: apesar das transformações advindas com o aprofundamento do capitalismo no campo e com o processo de globalização, as identidades do camponês sobre si e sobre o seu trabalho ainda se aproximam de identidades observadas por pesquisadores nos anos de 1980, conforme pudemos

comprovar através da revisão bibliográfica sobre o tema. Não podemos esquecer, no entanto, que as identidades estão sempre em movimento. Isso implica dizer que o agricultor é aquele que pode assumir posições identitárias marcadas por rupturas e/ou continuidades diante da diversidade e heterogeneidade que há nos territórios.

Por fim, sem o desejo de concluir, mas suscitar ainda mais discussões, cabe a frase de Guimarães Rosa: “No real da vida as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim: pelear por exato dá erro contra a gente, não se queira”.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBORNOZ, S. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed, 1986.

ALMEIDA, M. P. M. *“Da casca ao miolo”: memórias e identidades de militantes do MST do assentamento José Antonio Eufrosino*. Monografia (Trabalho Acadêmico Orientado em Psicologia), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB. 2008. 122f.

\_\_\_\_\_. *Identidade sem terra: um estudo sobre trajetórias de militantes assentados*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Campina Grande, PB. 2010. 121f.

ARAÚJO, R.C. O processo de inserção em Psicologia Comunitária: ultrapassando o nível dos papéis. In: BRANDÃO, I. R; BONFIN, Z.A.C. (Orgs). *Os jardins da Psicologia comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico vivencial*. Fortaleza: UFC/ABRAPSO, 1999, p. 79-110.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zigmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Jogos para atores e não-atores*. 10ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BRUNO, R. A. L. Nova República: a violência patronal rural como prática de classe. *Revista Sociologias*. Ano 5º, n. 10, p. 284-310, 2003. Disponível em <[http: www. scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 02 de dezembro de 2010.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 43, p. 207-224, 2001. Disponível em <[http: www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 02 de dezembro de 2010.

CARVALHO, L.D. Natureza, território e desenvolvimento rural no semi-árido brasileiro: estudo preliminar das ações da ‘convivência com o semi-árido’ em Juazeiro-Bahia. In: 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo, 2008, Campina Grande-PB. *Anais do 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o*

*intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo*, Campina Grande, 2008. p. 1-17.

CAVALCANTI, D. R. M. Pescadores-trabalhadores da baleia em Costinha-PB. In: V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades, 2005, São Luís - MA. *Anais do V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades*, São Luís, 2005. p.1-10.

CERF, M; SAGORY, P. Agricultura e desenvolvimento agrícola. In: FALZON, P. (Org.) *Ergonomia*. São Paulo: Blucher, 2007, p. 535-544.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.; CODO, W. *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58-75.

\_\_\_\_\_. *A Estória do Severino e a História da Severina. Um Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COSTA, S. A. O processo de luta pela terra e a construção da identidade e do modo de vida dos sem terra. In: FERRANTE, V.L.S.B. (Org.). *Retratos de assentamentos*. Araraquara: UNESP/NUPEDOR, 2004. p. 175-193

CLOT, Y. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 51-66.

DEJOURS, C. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I. (Orgs.). *Cristophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 47-104.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Dossiê História Oral*, n. 6, p.9-25, 2003. Disponível em: <<http://historiaoral.org.br>>. Acesso em: 29 de outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DONAT, H. *O projeto de cooperação do MST nos assentamentos da reforma agrária: como se explicam as dificuldades encontradas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Campina Grande, PB, 2006. 107f.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*. n. 115, p. 139-154, 2002.

GARCIA JR., A. R. *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p.67-80.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed, Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

JACQUES, M. G. Identidade. In: STREY, M. N. et al (Orgs.). *Psicologia Social Contemporânea: Livro-texto*. 10 ed., Petrópolis: Vozes, 2007. p. 159- 180.

JEZINE, E. Educação e sociedade: os movimentos sociais como interlocutores das mudanças paradigmáticas. In: SCOCUGLIA, A. C; JEZINE, E. (Orgs.). *Educação popular e movimentos sociais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. p. 77- 92.

LACERDA, A. G.; MALAGODI, E. Formas de cooperação e reforma agrária. *Revista Raízes*, v. 26, n. 01 e 02, p. 93-100, 2007. Disponível em <<http://www.ufcg.edu.br>> Acesso em: 30 de novembro de 2010.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I. (Orgs.). *Cristophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.

LANG, A.B.S.G.; CAMPOS, M.C.S.S.; DEMARTINI, Z.B.S. *História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas, 2001.

MENDRAS, H. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 9-29.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. *Capítulos de geografia agrária da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

MOREIRA, H.F. Mediação política e significados de terra e de reforma agrária para os trabalhadores do assentamento Estrela do Norte em Minas Gerais. In: 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo, 2008, Campina Grande-PB. *Anais do 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio:*

*diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo*, Campina Grande, 2008. p. 1-17.

MOURA, M.M. Camponeses. São Paulo: Ática, 1986.

PEREIRA, J. M. SOUSA, M. M. M. de. Reforma agrária: processo e gargalos. In: 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo, 2008, Campina Grande-PB. *Anais do 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo*, Campina Grande, 2008. p. 1-11.

PINTO, P. J. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: Whitaker, D. C. A; VELÔSO, T. M.G. (Orgs.). *Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória*. Campina Grande: EDUEP, 2005. p.43-54.

RAMOS FILHO, E. S. A geografia da reforma agrária e reforma agrária de mercado no nordeste brasileiro (1998 – 2006). In: 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo, 2008, Campina Grande-PB. *Anais do 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Tecendo o intercâmbio: diversidade e perspectivas do mundo rural no Brasil contemporâneo*, Campina Grande, 2008. p. 1-19.

REIS, M. P. S. A utilização de entrevistas-depoimento nos estudos de memória popular: uma discussão metodológica. In: IX Encontro Nacional de História Oral: Testemunhos e conhecimentos, 2008, São Leopoldo-RS. *Anais do IX Encontro Nacional de História Oral: Testemunhos e conhecimentos*, São Leopoldo, 2008. p. 1-15.

REY, F.L.G. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SCHIOCHET, D. A. *Origens do MST na Paraíba*. Monografia (Trabalho Acadêmico Orientado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2008. 47f.

SILVA, K. N.; SOUSA, W. L. A construção da memória a partir da luta pela terra (MST/sudeste do Pará). In: V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades, 2005, São Luís - MA. *Anais do V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades*, São Luís, 2005. p. 1-11.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.73-102.

SOUSA, A. C. *Para além do acesso à terra: representações sociais, condição camponesa e ação política dos colonos da Serra do Mel-RN*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Paraíba, PB, 1991. 271f.

SOUSA, F.G.R.B. *Falas da liberdade: um estudo sobre o discurso camponês de liberdade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Paraíba, PB, 1992. 181f.

STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TARGINO, I. A luta pela terra e os movimentos sociais rurais no Brasil. *Revista Raízes*: v. 21, n. 01, p. 148-160, 2002. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br>>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.

THOMPSON, P. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHITAKER, C. A. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 115-120.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

WOORTMANN, E. F; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UnB, 1997.

VELÔSO, T.M.G. *A representação social do trabalho alugado ou "com a enxada nas costas e o coração preso..."*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Federal da Paraíba, PB, 1990. 192f.

\_\_\_\_\_. *Frutos da terra: memórias da resistência e luta dos pequenos produtores rurais de Camucim-Pitimbu/PB*. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, SP, 2001. 355f.

VELÔSO, T. M. G. et al. A identidade em discursos de taxistas. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 1, p. 118-127, 2009.

ZIBETH, R. Os movimentos sociais latino-americanos: tendências e desafios. In: LEHER, R.; SETÚBAL, M. (Orgs.). *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 174-189.

## **ANEXOS**

ANEXO 01

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- PRPGP  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS  
COMPROVANTE SISNEP**

**Andamento do projeto - CAAE - 0572.0.133.000-11**

Título do Projeto de Pesquisa				
SER AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE ASSENTADOS DO MST.				
Situação	Data Inicial no CEP	Data Final no CEP	Data Inicial na CONEP	Data Final na CONEP
Aprovado no CEP	29/09/2011 11:20:21	07/11/2011 10:38:08		

Descrição	Data	Documento	Nº do Doc	Origem
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	29/09/2011 11:20:21	Folha de Rosto	0572.0.133.000-11	CEP
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	27/09/2011 10:08:43	Folha de Rosto	FR466252	Pesquisador
3 - Protocolo Aprovado no CEP	07/11/2011 10:38:08	Folha de Rosto	0572.0.133.000-11	CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Prof.ª Dra. Doralícia Pedrosa de Araújo  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

## ANEXO 02

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

**(OBSERVAÇÃO : para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não inclusas no grupo de vulneráveis)**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“SER’ AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE ASSENTADOS DO MST”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“SER’ AGRICULTOR: IDENTIDADES EM DEPOIMENTOS ORAIS DE ASSENTADOS DO MST”** terá como objetivo geral **ANALISAR AS POSIÇÕES IDENTITÁRIAS, DE MORADORES DO ASSENTAMENTO “PEQUENO RICHARD” (CATOLÉ DE BOA VISTA-PB), CONSTRUÍDAS EM DEPOIMENTOS ORAIS SOBRE O QUE É SER AGRICULTOR.**

Ao voluntário só caberá a autorização para **DEPOIMENTOS ORAIS** e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **88994566** com **THELMA MARIA GRISI VELÔSO**.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica

Participante da pesquisa

